

O SUCESSO DO FRACASSO
OU
O FRACASSO DO SUCESSO



Lucinda Ribeiro Alves
www.buscandoluz.org
2006

Copyright © 2014 Lucinda Ribeiro Alves
All rights reserved.

ISBN-13:978-1499682649

ISBN-10:1499682646

Quem quer ser Igreja sozinho precisa aprender grego!

Ekklesia é eu, outro, outro, e mais outro, além de

Deus...

Igreja é estar com, falar com, receber e dar...

E isto é amar!

O fogo, que arde sem se ver, não é cristão!

O amor bíblico vê-se e ouve-se bem alto...

Quem nunca o viu ou ouviu,

ainda não conheceu a Deus,

pois Deus é Amor...

Quem diz que conhece a Deus

e não anseia por abraçar o que não concorda consigo,

ainda não conhece o Pai!

Quem diz que conhece a Deus e dorme descansado,

quando está um irmão necessitado,

conhece a Deus de longe e longe está

de ver e ouvir o seu coração!

Servir apenas uma instituição,

não basta para o amar de Deus;

é preciso abraçar, sentir o que faz falta aos seus...

A igreja foi feita para ligar e não isolar...

A denominação não deve ser fechada e a prioridade,

esta deve ser serva em humildade...

São as pessoas que estão no coração do Pai,

não a riqueza e a supremacia de poucos!

Querem títulos e honrarias, andam como loucos,

quando o Mestre ensinou

que precisamos deixar tudo,

ser como crianças, ser pequenos e servos!

Fazem-me compaixão estes homens...

Pelo véu da sua visão estão cegos...

Prefácio

Estava num tempo de capela, no final do ano letivo num Instituto Bíblico, quando o diretor da instituição partilhou como assunto de oração algo que me fez pensar durante meses... Será que devemos participar dos eventos interdenominacionais, ou devemos ignorá-los e dar prioridade às atividades internas? Será que a nossa indiferença para com o Corpo de Cristo é pecado? Se é pecado é preciso arrependimento... O que Deus considera sucesso?

Fiquei a “remoer” naquilo! É verdade que todo o pecado precisa de arrependimento; é verdade que o conceito de sucesso humano é diferente do divino! Muitos estão a fracassar, enquanto pensam estar a ser bem-sucedidos e outros estão a ser um sucesso aos olhos de Deus, quando pensam estar a fracassar!

O Senhor vem buscar uma Igreja sem mácula, com maturidade. **Não há maturidade, sem unidade!** A unidade, mais que física, está no coração e começa como unidade no Espírito, mas é manifesta pela comunhão, por ações, atitudes, coisas visíveis e audíveis.

A unidade de que falo não é haver apenas uma denominação cristã, mas é uma unidade de coração. É uma unidade consciente da paternidade divina que alcança a todos os seus filhos de igual modo tornando-os um só Corpo.

Creio numa só fé, um só Deus, um só batismo, não só como uma afirmação teológica, mas como algo que pode ser construído e visto. Creio que é possível a unidade da fé, a unidade do Espírito. Creio porque Deus crê e Ele não perdeu a esperança. Por isso não posso perdê-la!

Preciso continuar a crer que a Igreja pode ser unida e cooperante. É excepcional a exortação de Paulo, nunca me canso de a ler, confortando-me, principalmente quando a esperança de unidade parece algo utópico:

Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, **procurando diligentemente guardar a unidade do Espírito** no vínculo da paz.

Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em **uma só esperança** da vossa vocação; um só Senhor, **uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos**, o qual é sobre todos, e por todos e em todos. Mas a cada um de nós foi dada a graça conforme a medida do dom de Cristo.

Por isso foi dito: Subindo ao alto, levou cativo o cativo, e deu dons aos homens. Ora, isto - ele subiu - que é, senão que também desceu às partes mais baixas da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu muito acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas.

E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres, tendo em vista o **aperfeiçoamento dos santos**, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à **unidade da fé** e do pleno conhecimento do Filho de Deus, **ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo**; (Efésios 4:1-13)

Humildade, mansidão, longanimidade, suportar e amar, são as chaves para a unidade da Igreja. Este é o preço e o caminho para atingir uma só fé e a unidade dos

santos. Não crer que a unidade é possível é o mesmo que não crer que um bebê pode crescer. Unidade é perfeição, unidade é *“estado de homem feito, à medida de Cristo”*.

Precisamos tomar sobre nós o jugo da unidade e aprender com o Mestre a obtê-la pela mansidão e humildade. Mansidão e humildade práticas, manifestas em atos concretos para com pessoas reais. A arrogância e o orgulho dividem e isolam, mas a mansidão e a humildade unem, reconciliam, estabelecem pontes onde parecia impossível que existissem.

Desejo, acima de tudo, que este livro seja mais uma pedrinha na construção da única Igreja segundo o coração do Pai. Sonho com o dia em que todos tomaremos o seu jugo sobre nós, o jugo do amor, o jugo da unidade, e o seguiremos de mãos dadas com o mesmo marchar e o mesmo cântico.

Índice

I - Para que todos sejam... primos?	1
II - Um igreja de irmãos	5
III - Plantado para dar fruto	11
IV - Se o teu irmão tem alguma coisa contra ti	15
V - Alguns “tristemunhos”	19
VI - O sucesso do fracasso	23
VII - O fracasso do sucesso	29
VIII - Alguns testemunhos	35
IX - A idolatria da igreja local	39
X - Não sabeis de que Espírito sois!	49
XI - Principais obstáculos ao envolvimento entre igrejas	57
XII - A História e o Ministério Laico	73
XIII - Como praticar a comunhão com igrejas?	81
XIV - Será pecado?	89
XV - Ecumenismo, Sincretismo e Unidade da Igreja	91
XVI- No essencial unidade	99
XVII - A Igreja do coração de Deus	99
XVIII - Dons e ministérios	107
XIX - Liderança na Igreja	125
XX - O ministério feminino	139
Conclusão	149
Oração	151

*Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim,
que sou manso e humilde de coração;
e achareis descanso para as vossas almas.*

Mateus 11:29

*Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos,
se tiverdes amor uns aos outros.*

João 13:35

I

Para que todos sejam... primos?

Por duas vezes, Cristo orou pelos seus discípulos, para que fossem um (João 17:11,21). A sua oração não incluía apenas os doze mais chegados, mas Cristo pediu por *“todos os que me tens dado”* (João 17:9). Todos os que são de Cristo deveriam ser um! Porém, temos feito desta unidade, um conceito teórico, que serve apenas para aquietar a nossa consciência.

O Senhor ensinou: *“Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros.”* (João 13:35). Cremos que nos devemos amar uns aos outros, mas amamos todos de forma mental, sem comunhão, sem relacionamento, sem contacto contínuo.

SEM COMUNHÃO
NÃO HÁ AMOR.

Poucos alargam a sua prática a outros discípulos de Cristo e não apenas aos mais próximos seleccionados dentro da sua congregação local. Amamos a todos em teoria, mas a poucos na prática. No entanto, o amor de Deus sempre foi prático.

A chave do amor verdadeiro é a comunhão. Sem comunhão não há amor. Não me refiro ao amor da poesia ou do cinema, nem ao amor da paixão ocasional ou a um amor psíquico, mas ao amor que Cristo viveu e nos ensinou a imitar, como está escrito: *“Se dissermos que*

temos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos, e não praticamos a verdade; mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus seu Filho nos purifica de todo pecado." (I João 1:6-7). Se temos comunhão com Ele, também devemos ter comunhão uns com os outros, não apenas um amor indiferente e sem relacionamento.

Um dia ouvi alguém comentar: "*Na igreja primitiva eram todos irmãos, agora somos primos...*". Nunca vou esquecer este desabafo. Diria até que tem muito de profético, embora não tenha sido essa a intenção. Para além do lado humorístico que a frase possa ter, esconde-se uma triste realidade: a nossa distância crescente do "*para que sejam um, como nós somos um...*" (João 17:21).

Igreja de irmãos resta a denominação com esse nome... Nos tempos que correm, espero que não venham a alterar o nome para algo mais "moderno", mas antes que vivam aquilo que o nome significa.

Os verdadeiros irmãos convivem diariamente, ajudam-se mesmo que seja necessário algum sacrifício, relacionam-se com amor prático, preocupam-se em saber se está tudo bem e se não estiver, algo será feito para que a situação melhore. Talvez isso seja verdade entre alguns crentes, uns poucos com quem temos mais intimidade dentro de um pequeno grupo muito próximo. Mas, e o resto da congregação e o resto da Igreja de Cristo?

Paralelamente ao mundo, cresce o individualismo na Igreja, disfarçado de visão individual, de excesso de empenho num projeto específico, no "*concentrar-me no que Deus me mandou fazer*" e naquilo que "*produz fruto*". Estamos prisioneiros de visões, de programas, de atividades, de ministérios, de lideranças, de sonhos de

homens. Pior que o individualismo descarado da sociedade dos nossos tempos é este individualismo “cristão” que sufoca com uma subtileza enganosa.

Alguém dirá: *“promovo relacionamentos dentro da minha congregação e procuro pregar o amor e a interajuda”*. No contexto do Reino de Deus, isto é o mesmo que dizer: *“promovo o relacionamento com a minha mulher e os meus filhos exclusivamente”*, porque não era apenas isso que Cristo pretendia quando orou ao Pai por unidade.

Ele não pedia ao Pai que dentro de um grupo isolado houvesse unidade. É falsa a ideia de que a nossa responsabilidade é apenas com a nossa igreja local ou denominação. As raízes desta tradição, que se instala, são claramente facciosas e individualistas. Nada tem de bíblico e opõe-se radicalmente ao coração de Deus revelado nas Escrituras!

É maravilhoso que promovamos relacionamentos dentro da congregação local, mas também fora dela: na nossa cidade, no nosso país, em países estrangeiros, até aos mais recônditos grupos da Igreja de Cristo.

O SUCESSO DO FRACASSO OU O FRACASSO DO SUCESSO?

II

Uma igreja de irmãos

Na Igreja do primeiro século viajava-se sem preconceitos e abençoava-se quem tinha mais necessidade. Embora existissem divergências teológicas com a Igreja em Jerusalém, constituída na grande maioria por judeus, as igrejas gentílicas não vacilaram em ajudar financeiramente quando foi necessário.

As passagens seguintes mostram um exemplo de como se ajudavam:

Mas agora vou a Jerusalém para ministrar aos santos. Porque pareceu bem à Macedónia e à Acaia **levantar uma oferta fraternal para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém**. Isto pois lhes pareceu bem, como devedores que são para com eles. Porque, se os gentios foram participantes das bênçãos espirituais dos judeus, devem também servir a estes com as materiais. (Romanos 15:25-27)

Ora, quanto à **coleta para os santos** fazei vós também o mesmo que ordenei às igrejas da Galileia. No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte o que puder, **conforme tiver prosperado**, guardando-o, para que se não façam coletas quando eu chegar. E, quando tiver chegado, mandarei os que por carta aprovardes para levar a vossa dádiva a Jerusalém. (I Coríntios 16:1-3)

Hoje na mesma cidade, temos líderes que consideram indispensável viajar num automóvel de último modelo ou muito caro, enquanto outros têm dificuldade em alimentar a sua família. Isso acontece, até mesmo dentro de uma denominação e muito mais entre denominações diferentes. E se até entre líderes, quanto mais entre os outros crentes?

É a Igreja que temos... ainda! E digo este “ainda” com a certeza da fé de que não será assim para sempre, pelo menos para os que fazem parte da verdadeira Igreja invisível. **A Verdadeira Igreja de Cristo irá crescer em maturidade, que é medida pelo amor.**

Nestes tempos, este é o estado do nosso coração: um tem em excesso, outro tem quase nada. Não defendo o miserabilismo do sofrimento e da pobreza como virtudes. Oponho-me a isso firme e radicalmente! Deus pretende dar-nos vida abundante, da qual o suprimento material faz parte. Porém, **é uma abundância envolvida no amor e compaixão pelo próximo e não uma riqueza particular indiferente às necessidades** do seu irmão.

Note-se que a oferta que Paulo levava para Jerusalém, não era para comprar material de som e vídeo ultramodernos, ou instalações enormes com ar condicionado para a igreja se reunir, apesar disso em si mesmo ser útil, mas o objetivo era algo de maior importância! Era para as famílias mais necessitadas, para aqueles que tinham dificuldade em ter uma vida digna e com aquilo que é básico.

A prosperidade bíblica destinava-se a suprir a necessidade do irmão, que podia não ser da mesma cidade, ou transpondo para o nosso contexto, da mesma

“denominação” e com divergências doutrinárias. Este é um dos versículos, normalmente não sublinhados, que claramente expressam esta ideia:

... para que **haja igualdade**, suprimindo, neste tempo presente, na vossa abundância a falta dos outros, para que também a abundância deles venha a suprir a vossa falta, e assim **haja igualdade**; como está escrito: **Ao que muito colheu, não sobrou; e ao que pouco colheu, não faltou.** (II Coríntios 8:14-15)

Igualdade: que não sobre ao que tem, para que não falte ao que não tem. Isto sim era uma boa visão para adotarmos, nestes tempos em que todos seguem a sua “visão”. Esta é a verdadeira “visão” bíblica, que nunca passará de moda.

Parafraseando: ao que tem um salário mais que suficiente, que partilhe com o que tem um pequeno salário. Um exemplo prático: em vez de gozar duas semanas de férias no estrangeiro, passar apenas uma e dar o dinheiro que sobra para alguém que nunca pode passar férias, porque não tem dinheiro para isso.

**IGUALDADE: QUE NÃO
SOBRE AO QUE TEM,
PARA QUE NÃO FALTE
AO QUE NÃO TEM.**

Em vez de comprar o melhor carro do mercado, comprar um de valor mais baixo e dar o dinheiro para alguém que precisa, para a operação de um filho, para pagar as prestações da casa em atraso, para suprir as necessidades devido ao desemprego, para comprar sapatos para uma família com muitos filhos...

É tão fácil encontrar necessidades! É só olhar à volta com o coração aberto! Então descobriremos que quão pequenas e insignificantes são as nossas. Como

podemos dormir descansados com pais em agonia por não terem dinheiro para levar os seus filhos ao médico, esperando semanas e meses por consultas públicas? Como podemos ignorar que há famílias no nosso meio que mal têm o que comer?

Um familiar que me é chegado entrou na casa de um jovem pastor com dois filhos. Este foi a casa para comer e a sua comida foi apenas pão partido com azeite! Entretanto, as vivendas, os colégios particulares, as roupas de marca, os automóveis caros, entre muitas outras coisas, sucedem-se... Onde está a igualdade?

Damos graças a Deus pela abundância material daqueles que a possuem. É motivo para alegria, nossa e de Deus. Mas, ficará Deus feliz com o usufruto egoísta dessas bênçãos? Sabemos que não...

O amor ao dinheiro continua a ser a raiz de todos os males (I Timóteo 6:10). Por isso se enfatizam apenas os versículos que agradam. É mais fácil dizer ao irmão que tem necessidades: "*semeia para colheres*", do que partilhar da minha abundância com ele. No entanto, ambas as coisas estão escritas na mesma Bíblia. Quando entenderemos que a abundância que recebemos não nos pertence?

Amor é buscar igualdade; é aproximar-me daquele que está longe; é falar com aquele que é diferente, é eliminar distâncias físicas e do coração, é não procurar desculpas e reconhecer o pecado da indiferença, do egoísmo e da avareza, que é idolatria (Colossenses 3:5).

Nos tempos neotestamentários, os meios de transporte não permitiam a mobilidade que é possível na atualidade. Todavia, os cristãos esforçavam-se até ao seu

limite para se conhecerem e relacionarem: escrevendo cartas, viajando, enviando emissários, ajuda financeira, por todo o mundo conhecido da época e que estava sendo evangelizado.

Havia a consciência de que precisavam uns dos outros, que havia sempre algo a aprender, algo a partilhar. Hoje passam-se anos sem que pastores na mesma cidade tirem uma hora para orarem juntos pela salvação dos perdidos; passa-se uma vida, sem que crentes que moram na mesma rua se encontrem para orar juntos e abençoar-se mutuamente.

Congregações da mesma cidade não têm tempo para se amarem, suprirem e comungarem, porque os seus líderes assim escolheram ano após ano, dia após dia... Desejo acreditar que não é por orgulho, nem por apropriação de um reino que não lhes pertence, mas por um conceito não bíblico de Igreja e falta de revelação.

Muitas vezes até é abertamente condenado quem se debate contra esta falsa corrente que ameaça arrastar a todos. Em nome de "fidelidade à igreja local", deturpa-se o conceito de Igreja de Cristo.

O SUCESSO DO FRACASSO OU O FRACASSO DO SUCESSO?

III

Plantado para dar fruto

Ao longo da vida cristã, recebi o ensino de que precisamos estar plantados numa igreja local, para que possamos dar fruto, dentro do Reino de Deus. Como em relação a quase todas as verdades, esta sê-lo-á dependentemente da forma como for praticada.

Na Bíblia, existem exemplos em que somos comparados a árvores, como no Salmo 1. Aquele que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se assenta com os escarnecedores, mas tem o seu prazer na Lei do Senhor: *“será como a árvore plantada junto às correntes de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cuja folha não cai; e tudo quanto fizer prosperará”*.

Eis uma **aplicação deturpada** da passagem: somos como as árvores, devemos estar plantados numa igreja e não andar de igreja em igreja; se queremos dar fruto devemos estar assim plantados; muitas vezes ao relacionarmo-nos com outras igrejas acabamos por ouvir conselhos errados, contrários ao que Deus nos falou; muitos crentes diferentes acabam por dizer mal de tudo, como na roda dos escarnecedores. Estarmos com outras igrejas locais acaba por trazer mais problemas que benefícios: pode trazer confusões doutrinárias, levar pessoas a saírem para outras denominações.

Segue-se outra **aplicação mais correta** da passagem: somos como árvores, nada somos em nós

mesmos, mas a nossa raiz recebe a vida da Água de Deus; estar plantado numa igreja local é bom, porque posso fazer um trabalho contínuo com as mesmas pessoas, ajudando-as e discipulando-as; não me posso tornar responsável por alguém que vejo ocasionalmente; todos devem ser discipuladores e discípulos simultaneamente. Para isso é necessário relacionamento constante.

Se em encontros com outras igrejas, alguém fala mal, é nosso dever ajudar esses irmãos a não o fazerem. Contudo, devemos olhar para a nossa trave, antes do seu argueiro. **Isolamento é pior que falar mal**, pois é o mesmo que dizer que somos autossuficientes e melhores. Somos árvores que alcançam outros com os seus ramos, mas mantêm a sua raiz em Deus; somos árvores que abençoam com a sua sombra e o seu fruto, que crescem para alcançar os que estão mais distantes.

ISOLAMENTO É PIOR
QUE FALAR MAL.

Algumas jovens perguntaram a minha opinião acerca de alguém se envolver em atividades em mais que uma igreja local simultaneamente. É interessante pensar sobre isso...

Na igreja primitiva não era problema ajudar em diversos grupos de cristãos em simultâneo. Claro que **muitas tarefas fazem-nos privilegiar a quantidade em detrimento da qualidade**, mas isso também pode acontecer dentro de uma mesma congregação. Podemos estar envolvidos com tantas atividades que acabamos por obter um resultado medíocre em relação ao que seria possível se houvesse maior dedicação.

Talvez se meditarmos em exemplos específicos, isso nos ajude. Por exemplo, um pastor de jovens

poderia, ou não, ajudar outras igrejas locais, da sua cidade que tenham a carência de um líder de jovens? Penso que, se está convicto que esse é o seu dom dado por Deus, deveria abençoar os que precisam com aquilo que não é dele, mas de Deus.

Surgem, no entanto possíveis problemas, como sempre onde se insiste em estabelecer relacionamento. O que fazer quanto às questões doutrinárias? Isso pode ser resolvido com algumas conversas com os pastores.

A doutrina de cada congregação deve obviamente ser respeitada, e nunca “apunhalada às escondidas”, influenciando quando mais ninguém está a ouvir, para levar os jovens para a sua própria igreja local. Esse é o medo de grande parte dos pastores, que os crentes se envolvam com outras congregações e saiam da sua. Esse é um dos maiores impedimentos ao relacionamento chegado entre crentes de diferentes denominações.

Se esquecêssemos todos esses pensamentos tribais, quão maravilhoso seria ver músicos ajudando congregações carentes nessa área! Quão extraordinário seria vermos igrejas com abundância financeira ajudando outras com o seu excesso!

Este é o “meu sonho do coração de Deus”. Esta é a igreja bíblica, a Noiva que receberá o Noivo, a igreja da maturidade!

O SUCESSO DO FRACASSO OU O FRACASSO DO SUCESSO?

IV

Se o teu irmão tem alguma coisa contra ti

Presenciei uma situação em que alguém falou com o seu líder de uma forma que poderia ser considerada desrespeitosa. A consequência foi que a pessoa em causa esteve algum tempo sem participar nos cultos. Tendo sido sugerido ao pastor que contactasse o referido irmão, este afirmou que quem tinha de falar com ele e pedir desculpas era o outro.

Não seria mais normal o inverso, independentemente de quem tivesse razão? Não é o que está errado que tem de restabelecer o relacionamento, mas aquele que tem maior maturidade! O “*vínculo da perfeição*” é o amor (Colossenses 3:14) e **é o amor que determina o grau de maturidade do cristão.**

Não é o facto de ter um título ou “dom” de pastor, não é o número de anos de crente, não é o conhecimento teológico da mente, não é por ser usado em muitos dons sobrenaturais que caracterizam um adulto espiritual, mas a forma como deixa fluir e coloca em prática o amor de Deus, ensinado na sua Palavra e derramado no seu coração pelo Espírito de Deus (Romanos 5:5).

Há um provérbio chinês que diz algo semelhante a: “*numa discussão, o que se cala tem sempre razão*”. Há sabedoria nestas palavras! **Não importa quem tem razão, porque para Deus tem razão aquele que acaba com a discussão.** Isto implica pedir perdão, quando se crê estar

certo. Quem consegue fazer algo assim? Aquele que tem maturidade segundo o conceito divino.

A lógica humana ensina-nos que aquele que está errado deve reconhecer o seu erro e humilhar-se perante o que está certo. O Senhor ensinou-nos que “*qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, será vosso servo*” (Mateus 20:27). Se queremos ter razão, devemos estar dispostos a perdê-la! Foi isso que Cristo fez connosco, perdendo-se para nos fazer ganhar.

Paulo exorta: “*Na verdade já é uma completa derrota para vós o terdes demandas uns contra os outros. Por que não sofreis antes a injustiça? Por que não sofreis antes a fraude?*” (I Coríntios 6:7). A passagem seguinte impressiona especialmente:

Portanto, se estiveres apresentando a tua oferta no altar, e aí te lembrares de que **teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai conciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem apresentar a tua oferta.** (Mateus 5:23-24).

Não diz “*quando eu tiver algo contra alguém*”, mas “*quando alguém tiver algo contra mim*”. Mesmo que eu, em consciência não tenha feito nada de errado, mas o meu irmão tem algo contra mim, eu devo antes de adorar a Deus, reconciliar-me com o irmão. Antes de adorarmos a Deus, devemos reconciliar-nos! Quem tem razão não é importante...

Quantos precisam de se reconciliar! Pastores precisam de se reconciliar com pastores, congregações precisam reconciliar-se com outras congregações,

cristãos precisam reconciliar-se com congregações e com pastores, famílias precisam reconciliar-se entre si.

Antes de adorares a Deus, concilia-te com o irmão que tem algo contra ti! **A iniciativa é daquele que “tem razão”, daquele que se prepara para adorar a Deus.** Não basta apenas pedir perdão por algo errado que tenhamos feito e dizer a Deus que perdoamos quem nos fez mal. Deus quer reconciliação!

É verdade que a reconciliação começa com o perdão, como está escrito: *“se, porém, não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai perdoará vossas ofensas.”* (Mateus 6:15). Se não tivermos maturidade para perdoarmos no nosso coração ao que nos fez mal, como a teremos para nos humilharmos diante do outro e reconciliarmos-nos com ele?

NÃO EXISTE PERDOAR SEM RESTAURAÇÃO DE COMUNHÃO.

O que tem isto a ver com relacionamento entre igrejas? Tudo! As nossas congregações são os resultados de múltiplas divisões que, na maior parte dos casos, deixaram feridas profundas. Passadas décadas, ainda doem e separam pessoas. Onde estão os cristãos com maturidade que estão dispostos a *“deixar a oferta sobre o Altar”*, para procurar o irmão que tem algo contra si e reconciliar-se?

A reconciliação não é um ato pontual em que, para acalmar a culpa, se contacta com o outro, mas é um restabelecer de relacionamento duradouro. **Não existe perdoar sem restauração de comunhão.** Estamos a falar entre irmãos, especificamente.

A ideia de que posso perdoar no meu coração sem me relacionar com o outro é **engano puro**. A pessoa engana-se a si mesma, pensando que perdoou, mas o que

faz é entregar a ansiedade do assunto a Deus para que a ferida seja curada. O perdão só é efetivo se a comunhão for restaurada. Não uma comunhão entre “primos”, que se encontram uma vez por ano, mas comunhão de irmãos, contacto constante, amor de “*entranháveis afetos e compaixões*” (Filipenses 2:1).

Li algures a seguinte frase: “*é mais fácil perdoar o inimigo, que perdoar o irmão*”. Cristo ensinou-nos a perdoar o inimigo e nós cristãos tornamo-nos peritos em perdoar os inimigos, porque são pessoas com as quais temos uma pequena probabilidade de contacto. **É mais difícil perdoar o irmão.**

O irmão não devia ter feito o que fez, porque era irmão! Como perdoá-lo? Como cristão deveria fazer o que a Bíblia diz: não levantar falso testemunho, não cometer adultério, não se rebelar contra a autoridade, não mentir, não roubar, não agredir... A estes sim, é difícil perdoar! Mas, é destes que o Senhor falou “*se teu irmão tem alguma coisa contra ti...*”.

Contamos, repetidamente, a parábola do filho pródigo (Lucas 15). As nossas igrejas têm imensos filhos que “*comem a comida dos porcos*”, ou seja, que vivem um cristianismo medíocre, cheio de ressentimento e amargura, aguardando que deixemos a oferta no Altar, que deixemos a nossa redoma de razão, o nosso peito inchado de doutrinas certas e opiniões corretas, para voltarmos a aprender o que significa amar como Cristo amou.

V

Alguns “tristemunhos”

Um líder de uma congregação evangélica e cooperador numa instituição teológica comentou que não pretendia participar mais nas reuniões da Aliança Evangélica Portuguesa. O motivo residia no facto de ter ficado profundamente desapontado com a forma como outro líder evangélico foi criticado numa reunião da AEP.

Tentei encorajá-lo a não se afastar da AEP, com o argumento de que, quando algo está mal, é nesse momento que podemos fazer a diferença e contribuir para a mudança. Creio que é um dever e uma responsabilidade fazê-lo! Afinal não é isso o que significa ser sal e luz?

Precisamos ser sal e luz, não apenas no mundo, mas começando dentro da Igreja. Se o sal se tornar insípido, o que lhe devolverá o sabor (Mateus 5:13)? E quanto ao sal que tem sabor, mas se recusa a misturar-se para dar o seu sabor?

Por diversas vezes tenho ouvido líderes de igrejas dizerem que só convidam pregadores que estejam dentro da visão da sua congregação, o que equivale a dizer, da sua visão ou doutrina pessoal. Alguns convidam apenas estrangeiros, outros têm aversão total a tudo o que vem de fora!

Estas congregações não sabem o que outros irmãos pensam e creem. Não precisam de ninguém (só dos da sua denominação), são autossuficientes e não precisam aprender com ninguém. Alguns sentem-se desprezados e perseguidos por todos! Outros acham que são os melhores, por isso tudo o que vem de fora é inferior e não vai servir de nada.

Há algum tempo, ouvi outra pessoa de uma instituição interdenominacional afirmar que tinha recusado a proposta de alguém para um projeto entre carismáticos e não carismáticos, porque já sabia que não ia dar em nada, pois cada um iria continuar a pensar como até aí e não iria perder o seu precioso tempo em algo que seria um fracasso.

HÁ UMA OPOSIÇÃO
NATURAL À COMUNHÃO
VERDADEIRA DO CORPO.

A última situação foi-me contada por um pastor de jovens. Este, depois de organizar um retiro conjunto com outra igreja, ao telefonar ao outro líder para confirmar os últimos pormenores, ouve o que não esperava: *“os nossos jovens disseram que neste momento não estão numa de se relacionar...”*. Estas foram as palavras exatas e o retiro não se realizou, como é óbvio.

Podemos perceber pelos exemplos que há uma oposição natural à comunhão verdadeira do Corpo. Somos tendencialmente egoístas, individualistas e inclinados à autossuficiência... Não nego que deve haver sabedoria no relacionamento, mas parece-me que falta entendimento do propósito de Deus para a sua Igreja. Muitas vezes associamos determinada atividade ou escolha ao “nosso ministério” ou “ao nosso trabalho no Reino”. A questão é que **nada é nosso, tudo é Dele!**

Nunca vamos gostar de nos relacionar com quem é diferente. É uma tendência humana! Contudo, **ser Igreja implica sabermos relacionar-nos com a diferença.** Se o meu propósito for o Reino e não construir a minha própria “torre de Babel”, será mais fácil ver no outro algo do Senhor e conseguir ver o que nos une em vez daquilo que separa.

O SUCESSO DO FRACASSO OU O FRACASSO DO SUCESSO?

VI

O sucesso do fracasso

“Sede meus imitadores, como também eu o sou de Cristo...” (I Co 11:1), exortou-nos o Apóstolo. Este versículo exorta a que imitemos Paulo, mas não como um novo substituto da imitação a Cristo. Paulo, como homem, acertou e errou. Não estava a pedir que o imitassem em tudo, mas “na medida que ele mesmo imitava a Cristo”. Imitamos a Cristo e a Paulo, apenas naquilo que ele mesmo imitou o Senhor.

Muitos querem imitar a Paulo, não nos sofrimentos, mas nos sucessos segundo o conceito materialista e de busca de poder. Mas, qual foi o exemplo de Paulo no seu relacionamento com a Igreja?

Conhecemos todo o trabalho missionário e apostólico de Paulo, as igrejas que fundou e apoiou, apercebemo-nos também das divergências entre ele e os judeus, irmãos em Cristo. Apesar disso, ele afirmou:

E subi **devido a uma revelação**, e lhes expus o evangelho que prego entre os gentios, mas em particular aos que eram de destaque, para que de algum modo não estivesse correndo ou **não tivesse corrido em vão...**

e quando conheceram a graça que me fora dada, Tiago, Cefas e João, que pareciam ser as colunas, deram a mim e a Barnabé **as destros de comunhão**, para que nós fôssemos aos gentios, e eles à

circuncisão; recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres; o que também procurei fazer com diligência. (Gálatas 2:2,9-10)

Paulo reconheceu que foi necessário ter **revelação** para compreender que tinha de ir a Jerusalém, sob pena de todo o seu esforço missionário “*tivesse corrido em vão*”.

Como poderia ser em vão a salvação de tantos gentios? Seria em vão, porque não estariam ligados ao corpo, **seriam apenas uma nova “denominação”**, sem comunhão com o resto do Corpo. Para entender isto foi preciso **revelação!** Hoje, a Igreja de Cristo precisa desta revelação que Paulo teve.

Todo o sucesso sem par do Apóstolo, todas as igrejas, conversões e revelações, todos os êxitos, todas as vitórias, todas as conquistas seriam em vão, ou seja, todos **os seus sucessos seriam fracassos** se não tivesse a revelação e a conseqüente ação acerca do que significa ser Igreja.

A revelação do Apóstolo consistia em reconhecer que o seu grande sucesso corria o risco de tornar-se um fracasso aos olhos de Deus! Daqui, podemos questionar: será que muitos dos nossos sucessos são para Deus, tristes fracassos e muitos dos nossos fracassos são para Ele tremendos sucessos?

O conceito de sucesso ou fracasso é subjetivo. Aquilo que para mim, é um fracasso, para outro pode ser um grande sucesso. Para alguém, conseguir a salvação de apenas uma pessoa numa campanha evangelística grande, dispendiosa e longamente planeada seria um fracasso. Para outros seria um sucesso. Estou convicta de que para Deus seria também um estrondoso e tremendo

sucesso, para o qual qualquer esforço ou sacrifício valeriam a pena.

No domínio dos eventos interdenominacionais há uma ideia generalizada de fracasso. Raramente, um acontecimento não exclusivamente denominacional é descrito como um sucesso. Todos os anos se dão pequenos sucessos que deixam algo a desejar ou fracassos que matam a réstia de motivação para a unidade. São conferências disto e daquilo, palestras, fóruns, seminários, celebrações, projetos sociais e culturais. São poucos os que não desistem, são menos os que não desanimam e ainda acreditam no sonho de Cristo: *“para que todos sejam um”*.

São anunciados eventos interdenominacionais e simultaneamente são agendadas atividades na igreja local para o mesmo dia. *“Afiml a congregação tem a sua vida, a sua visão, os seus projetos a prosseguir!”*. Mesmo até que não sejam sobrepostos, se as datas forem muito próximas desencoraja quem poderia participar.

O cansaço envolve a nossa comunidade cristã dentro das igrejas locais, pelo excesso de atividades e cultos, a crescer ao exaustivo estilo de vida da nossa sociedade. Trabalha-se secularmente, trabalha-se na igreja local, trabalha-se em casa e por vezes até durante as filas de trânsito e nos transportes públicos. Claro que não há tempo para mais nada! A não ser que algo mude, em primeiro lugar no nosso coração e depois nas nossas prioridades.

Por vezes, alguns líderes têm a revelação de Paulo, e como este *“passados catorze anos”* decidem convidar outros pastores, de outras congregações, para orar, conversar ou simplesmente comungar. A maioria

não tem tempo, devido às suas obrigações de “profissionais de igreja”. A outros esta ideia provoca algo semelhante a uma reação alérgica e “fogem a sete pés” de tal “heresia”!

*“Para quê perder tempo com algo que está condenado ao fracasso”? Ainda não compreenderam que **o sucesso está em estar juntos e não em alvos humanos atingidos!** Ainda não entenderam que, para Deus, conseguirem ultrapassar as barreiras do seu orgulho, da sua doutrina, dos seus “achos”, da falta de tempo, e sobretudo do ressentimento “*porque me criticaram...*”, são a verdadeira vitória e o sucesso máximo.*

O SUCESSO ESTÁ
EM ESTAR JUNTOS.

Para Deus, “meia dúzia” de crentes de grupos diferentes a orarem juntos ou sentados num café a conversar atingiram a chave do sucesso divino, a máxima maturidade que nenhum conhecimento mental pode produzir, mas apenas a **revelação** divina. O “*deixar a oferta sobre o Altar, para deixar de ter razão*” produz o milagre dos milagres: deixar a atividade da sua denominação para “perder tempo” que não retorna num sucesso humano é um milagre!

Uma conferência organizada para incluir centenas ou milhares de evangélicos, à qual assistem apenas poucas dezenas, é um tremendo sucesso, porque implicou que lado a lado irmãos diferentes se empenhassem e no fim se confortassem mutuamente pelas suas expetativas goradas. Aos olhos do Pai, foi um êxito! Uma alegria imensa!

Que grande sucesso é para os que não têm tempo, nem paciência, encontrarem-se com aqueles que são

contra a sua visão. O fracasso dos homens torna-se o sucesso de Deus. Que grande sucesso é para Deus o fracasso dos homens que não querem ter razão, mas lutam pelo sucesso daqueles que não a têm: loucura das loucuras, loucura de Deus...

Que sucesso é convidarem para pregar nas suas igrejas, pessoas com doutrina diferente e terem de explicar na congregação que há outras formas de pensar e interpretar a Bíblia, ainda que **pensar esteja fora de moda**, porque pessoas que pensam só dão problemas!

Que sucesso é ouvirem alguém de outro país, com nenhuma afinidade natural, ouvirem opiniões diferentes, visões diferentes, interpretações diferentes... Que sucesso é deixarem os membros da sua congregação participar em eventos de outras, não apenas como assistentes, mas como ajudantes! Que sucesso são estes fracassos! **Maravilhosos fracassos que ensinam a humildade, o perdão, a reconciliação, o chorar juntos e o tentar sempre mais uma vez.**

Alguns líderes, iluminados pela tal **revelação** paulina, começam a gritar contra a muralha de divisão. Encontram-se e oram ou conversam com outros líderes que não são da denominação. São poucos e menos ainda os que além de se encontrarem, promovem relacionamentos constantes, atividades e projetos conjuntos entre os membros das suas congregações.

Uns evangelizam, não para acrescentar membros à sua congregação, mas ao Reino de Deus. Não importa para que igreja irão, mas apenas que sejam salvos. Outros trabalham em projetos como: prisões, bairros degradados, crianças, sem-abrigo, toxicodependentes; e continuam pregando o Evangelho do Reino, quando não

há retorno financeiro, quando ninguém é adicionado à sua congregação.

Bem-aventurados todos estes fracassados, porque estes são sucesso de Deus!

VII

O fracasso do sucesso

No meio cristão evangélico está na moda o termo “visão”. Todos têm a sua visão, cada líder de igreja tem uma visão, cada denominação tem a sua visão. Ter falta de visão é um grande pecado!

Não se assustem os míopes ou estrábicos, pois fala-se de outra visão, uma que “não se vê”! É uma espécie de um conjunto de objetivos e meios para alcançar esses objetivos, normalmente de um só homem que é o líder do grupo. Os cristãos são orientados a não fazer nada contrário à “visão”, e se assim não for, poderão ser acusados de “estar fora da visão”! Este é um pecado muito grave hoje em dia!

Outros pecados, que vêm escritos na Bíblia, são muitas vezes cobertos e desculpados, porque hoje o que é realmente errado é estar fora da visão! Isso pode levar até a que alguém seja “convidado” a sair da igreja. Se isso acontecesse em relação a pecados bíblicos seria “legalismo”, apenas é permitido em relação ao pecado de estar fora da visão!

No entanto, quem Paulo exortou que fosse excluído da igreja, foi alguém que cometeu pecado grave (I Coríntios 5:1-2). Mas, hoje convidam-se essas pessoas para os grupos de louvor, para que não se afastem da igreja! Ou então, nada se faz com a desculpa de que não devemos ser legalistas. Tudo é aceite, tudo é permitido!

Afinal “não estamos debaixo da Lei”! Contudo, o pecado de estar fora da visão não pode ser aceite. **Estar fora da visão é o pecado capital da era da Graça!**

Uma das características da visão é que precisa ser guardada para que não se perca. O contacto com outras visões pode ser fatal! Por isso, quanto maior o isolamento, melhor! Proteger a “minha visão” das “outras visões” é prioritário. Até há quem tenha necessidade de ir ao estrangeiro fazer “desintoxicação” de visões, para continuar a manter-se fiel à sua “visão original”, seja lá o que isso for.

Esta dita “visão”, dizem, é a razão do sucesso e crescimento das igrejas, mas na realidade umas crescem e outras não, independentemente da visão adotada. Agora, a razão do sucesso já não é o Espírito Santo e a fidelidade à Palavra de Deus, mas a visão! Falo ironicamente e com tristeza, claro...

A visão determina com quem a igreja se pode relacionar, que pregadores se podem convidar, que livros se podem ler, que opiniões se podem ter, se lê a Bíblia toda, ou apenas os versículos sublinhados (cada visão tem os seus) e a que tipo de conferências se pode ir. Isto significa que **a visão delimita os relacionamentos, isolando de pessoas diferentes, limita a capacidade de pensar**, questionar, discordar e estar livre nas mãos do Espírito para fluir em coisas novas.

Este é o sucesso cristão dos nossos dias: uma visão colocada em prática, onde todos pensam da mesma maneira e fazem a mesma coisa, sem contactar com ninguém que seja diferente, a não ser para o converter à sua visão.

A revelação e a orientação divina vêm apenas ao líder a quem a visão foi dada. Aos outros, cabe-lhes obedecer, manterem-se fiéis e não pensar muito, porque é incomodativo, e poderá haver risco de contaminar a “visão”. Quem não quer correr o risco de ser convidado a sair, é melhor não pensar muito... Dons individuais, desenvolver novas capacidades, sonhos, planos de Deus para indivíduos, revelação pessoal, debate de ideias: que “abominações” são essas? Isso é certamente contrário à visão!

Mas, se as igrejas estão a crescer e a trazer salvação a multidões, não valerão a pena estas visões? Claro! Valem a pena as salvações, certamente... Contudo, **o plano de Deus não é a salvação apenas, mas conduzir cada convertido à maturidade da estatura, semelhança e carácter do seu Filho.**

Jamais haverá maturidade, sem a consciência de que fazemos parte de Um só Corpo, e sem a revelação de que não podemos amar a Deus, sem amarmos a todos os seus filhos, com amor verdadeiro, prático e visível.

Precisamos “**ver o Reino de Deus**” (João 3:3; Lucas 9:27), precisamos “**discernir o corpo do Senhor**” (I Coríntios 11:29) e compreender que o principal do seu Reino é o seu povo: “...e nos fez **reino, sacerdotes para Deus**” (Apocalipse 1:6; 5:10). Nós somos seu Reino. O reino, a autoridade e o senhorio de Cristo estão dentro de nós: “O reino de Deus não vem com aparência exterior; nem dirão: *Ei-lo aqui! ou: Ei-lo ali!* pois o reino de Deus está dentro de vós” (Lucas 17:20-21). **É urgente voltar ao Evangelho do Reino!**

É esta a visão da Bíblia: Mateus 4:23; 9:35; 24:14; Lucas 4:43; 8:1; 9:2; 16:16. As Boas Novas são que há um

só povo e um só Senhor sobre todos, **uma só visão** que é uma só fé e um só Espírito. O Evangelho do Reino é a mentalidade do Reino: ser um só e servir a somente Um.

Igrejas que crescem para dentro, para a sua “tribo” e não vivem numa mentalidade de Reino, estão a agir bem ao buscar a salvação do mundo, mas não estão a trabalhar para o Reino de Deus. Trabalham para o crescimento do “seu próprio reino, a sua tribo, a sua visão”.

QUANTO À SALVAÇÃO É
SUCESSO, QUANTO À
MATURIDADE É FRACASSO.

Será que o isolamento é sinónimo de sucesso, ou o preço desse sucesso? Creio que aos olhos de Deus não é totalmente sucesso! Embora toda a salvação seja de celebrar com grande júbilo, **o fim não justifica todos os meios.**

O caminho de Deus é sempre melhor e a forma de Deus trabalhar passa pela unidade em amor. Deus estabelece os fins a atingir, mas podemos trabalhar para esses fins com os nossos meios ou os meios de Deus. Assim, podemos alcançar salvação de pessoas pelos métodos errados, destruindo muitas vezes o conceito divino de Reino.

Deus considera um sucesso quando se alcançam salvações da forma que ele não ensinou? **Quanto à salvação é sucesso, quanto à maturidade é fracasso;** quanto ao crescimento da tribo é um sucesso, quanto ao amor é um fracasso.

Devemos ouvir a pregação do Evangelho do Reino que Cristo faz: “...*todo reino dividido contra si mesmo é devastado; e toda cidade, ou casa, dividida contra si mesma não subsistirá*” (Mateus 12:25); “*pois, se um reino se dividir contra si mesmo, tal reino não pode subsistir*” (Marcos 3:24).

Tudo aquilo que tem aparência de sucesso, mas não coopera para a unidade, antes promove a divisão, deve ser revisto e repensado, sob pena de estarmos a trabalhar para o nosso próprio sucesso e não o de Deus.

Igrejas não são empresas, líderes cristãos não são empresários. Não é em palestras de gestores de topo que um líder aprende a ser líder, mas aos pés do Pai, tornando-se servo de todos.

O mundo diz “sê um líder de sucesso”, aprende a organizar, a gerir o dinheiro, a ser reconhecido, a ser um líder excelente... A Bíblia diz para sermos servos, o que quer ser o maior torne-se servo de todos.

Ser um líder de sucesso é ser imitador de Cristo, não do Cristo da glória, mas do Cristo da cruz. Muitos dizem querer imitar a Cristo, mas pensam no Cristo exaltado com poder e glória. Ainda não é a esse Cristo que somos chamados a imitar. Primeiro precisamos tornar-nos semelhantes ao Cristo da cruz.

Não é em palestras para empresários que se aprende a servir como Cristo serviu, nem a dar a vida pelos irmãos. Aprende-se servindo e amando, mais e mais. É “lavando os pés”, trabalhar para o crescimento dos outros, é servir ao invés de procurar ser servido.

Neste contexto de liderança, não há espaço para construirmos o nosso “castelo” e reino próprios. O reino tem apenas um Senhor! Nada, nem pessoa alguma nos pertence. Os discípulos que alcançamos são todos “discípulos de Cristo” e não nossos.

Não existe, no coração do Pai, evangelismo, quaisquer obras, ministério, trabalho cristão ou missão, que não busquem a unidade do Reino. Podemos estar certos de que se *“buscarmos primeiro o seu Reino e a sua*

justiça, todas as outras coisas nos serão acrescentadas” (Lucas 6:38).

VIII

Alguns testemunhos

Desde que comecei a compreender estas coisas, que descrevo nos capítulos anteriores, mudei muito na forma de agir. Durante muito tempo pensei que me deveria relacionar com as pessoas que pensassem como eu e que deveria cooperar em trabalhos com os quais me identificasse. Hoje olho para a minha vida nos últimos anos e dava uma boa anedota.

Frequentei uma congregação, apesar de não concordar em diversas áreas com o pastor. Permaneci ali, muitos anos, porque Deus me fez identificar com o coração dele, não com a sua cabeça. A cabeça pode mudar facilmente, se o coração for aberto para Deus. Não foi só a dele que mudou, graças a Deus que a minha cabeça foi mudada também!

Uma coisa sempre orei: que Deus lhe mostrasse a verdade e lhe desse revelação. É também isto que oro constantemente para mim: *“Senhor livra-me do erro, faz-me ver como Tu vês, mostra-me a verdade”*! Não que seja *“dona da verdade”*, mas busco-a sinceramente.

Entretanto conheço um outro casal de pastores, com os quais me identifico muito em termos de doutrina, mas não com a atitude do seu coração para com os outros. Porque sabem tudo e não têm mais nada para aprender, nem para mudar. Não os vejo levantar a ovelha fraca e doente, mas feri-la ainda mais com as suas

palavras. E apesar de tudo isto, amo-os profundamente, porque sei que eles amam a Deus e ao seu povo, mas ainda não aprenderam que correr e alcançar alvos numéricos, vem depois de levantar a ovelha doente e pega-la ao colo, velando por ela até que sare. Essa é a verdadeira prioridade divina!

Parece loucura escolher estar com quem discordo, ao invés daqueles com quem me identifico! É a loucura da sabedoria de Deus. Agradeço-Lhe imenso ter-me ensinado a seguir o seu Espírito.

O que aconteceu foi que cada vez mais a liderança da congregação onde comungava buscava a Deus e o Senhor lhes respondeu e trouxe revelação da verdade. E aquilo que Deus me falava no secreto da sua presença, ouvi-o muitas vezes do púlpito da congregação!

O Senhor faz coisas extraordinárias quando o coração dos homens o busca e se mantém aberto à mudança. Onde há **amor**, **humildade** e **mansidão**, há crescimento, há restauração e Deus revela-se.

Dei comigo a participar na organização de festas não ordenadas biblicamente e que a minha doutrina rejeita. Isto é para mim verdadeira loucura! Aquilo que em outros tempos em consideraria pecado! Porém, aprendi que o amor é a verdadeira perfeição. E vi-me ajudando em algo que para mim nada significa, mas tem valor para os meus irmãos. Se é importante para eles, ainda que saiba que não é propósito de Deus, o amor de Deus incita-me a alegrar-me com os que se alegram.

Normalmente, se percebemos que algo não é a vontade de Deus, não devemos fazer. Porém, há casos em que Deus nos leva a estar com irmãos diferentes e a estar apenas em oração. Andando com eles, no

entendimento que eles têm, e esperar pela ação de Deus. Não é regra, mas Deus pode pedir-nos isso.

Não deveria eu corrigi-los e mostrar-lhes o que a Bíblia ensina? Quando o Espírito quer que falemos, devemos falar, mas não antes. É Deus quem ensina e move os corações. Se falarmos fora do tempo certo, mudamos a cabeça e não o coração. Se Deus fizer, a mudança será de dentro para fora. Não fomos constituídos juízes, mas servos. Por isso oro para que seja Ele a mudar, a eles ou a mim, conforme Deus quiser!

Um irmão veio convidar-me para participar num ministério novo destinado a ensinar acerca de uma área específica. Nesse assunto a minha posição é quase oposta. Contudo, embora não me tenha tornado membro do referido ministério, ajudei-o no que me foi possível.

QUESTÕES NÃO
ESSENCIAIS NÃO
SÃO SUFICIENTES
PARA DIVIDIR.

Ele é meu irmão e se é importante para ele ensinar aquilo que eu discordo, em nome do amor de Deus, o meu coração alegra-se em poder ajudá-lo. Claro que se ele estivesse ensinando algo que fosse contrário à salvação, ou ferisse a minha consciência, não poderia ajudar.

Questões não essenciais e discutíveis, não são suficientes para dividir, quando o amor de Deus flui de nós. Assim, curiosamente, trabalhei para algo que discordo completamente! Alegro-me com isso, porque sei que Deus se alegra, embora pareça sem sentido.

Mais testemunhos poderia dar acerca do que o Espírito de Amor tem mudado em mim. Não é meu propósito mostrar que estou certa, enquanto os outros

estão errados, pois não é isso que creio. Outros estão a ouvir as mesmas coisas e estão a mudar também.

Caminho apenas na luz que Ele me deu. E nessa luz vejo que o amor de Deus é incomparavelmente superior a tudo. **É o seu amor e o nosso coração suficientemente manso para amar que é o milagre dos milagres:** a verdadeira perfeição para que estamos destinados.

Estou convicta de que é este amor que o Senhor quer despertar na Igreja, entre denominações com tradições e características diferentes. O amor de Deus vence todas as barreiras, desde que compreendamos que **pouco importa se o meu irmão diz algo que considero um disparate. O importante é estar ao seu lado e caminhar com ele.**

Que a nossa preocupação seja que Deus mude o nosso coração. Do nosso irmão, Ele tratará como entender.

IX

A Idolatria da igreja local

Ser Igreja, ser parte da Igreja, ter comunhão com a Igreja, entre outras expressões, é bíblico e cheio de conteúdo. Por vezes, os homens pegam em verdades e enchem-nas das suas regras para atingir determinados objetivos pessoais.

Deus vê pessoas que se reúnem em seu nome e chama-lhes Igreja. Deus vê a sua Igreja na terra, nas cidades, nas casas, nos templos. Ele não vê igrejas de primeira classe (as organizadas institucionalmente) e as igrejas de segunda classe (informais e não institucionais).

O conceito de igreja local tem-se tornado pouco bíblico, porque é acrescido de sentidos que Deus não estipulou. Deus não requer cartões de membro, nem exclusividade de relacionamento num grupo! Continua a ser o plano de Deus que estejamos em comunhão com as igrejas (locais), mas com uma mente e um coração livres, dirigidos para a unidade.

Atualmente substituiu-se o “ser membro do Reino” por ser membro de uma “igreja local”. Leio das igrejas nas casas, na igreja indo ao templo, na igreja que se move e alcança... Leio acerca da Igreja da cidade de Corinto, Tessalónica e todas as outras, mas ‘igreja local’ não a encontro na Bíblia! Deve estar junto ao versículo que fala de denominações ou visões para uma congregação! Está em livros de homens, na boca de

homens, na mente de homens, mas o conceito bíblico de Igreja nada tem a ver com o conceito atual de igreja local. Não sei qual a origem, até onde remonta no tempo este conceito e esta vivência!

Tenho encontrado em livros¹ de quase todas as denominações e na mais recente novidade: uma denominação chamada Igreja Local que diz não ser denominação e que todas as outras denominações não são de Deus. Incentiva a que todos fujam das outras e se congreguem apenas na sua. Segundo eles, esta deve ser a única igreja que não será dividida em igrejas locais, mas apenas uma, a sua, que se chama Igreja Local. Perdoem-me, mas isto parece-me loucura e não é a loucura santa de Deus! Cada vez é mais estranha esta igreja dos nossos tempos!

É óbvio que a Igreja-pessoas precisa reunir-se em algum local, tem sido necessário adotarem-se designações e registarem-se como associações por motivos legais e práticos. É normal que por motivos de discipulado nos identifiquemos mais com este ou aquele líder. Porém, assistimos a uma idolatria da igreja local e da denominação, quase sempre acompanhada pela idolatria dos seus líderes, que só pode mudar por **revelação** divina.

Tal como com as imagens de escultura, não é a forma externa que desagrada a Deus, mas a idolatria do coração (Ezequiel 20:16). Do mesmo modo que utilizar desenhos para ensinar é diferente de idolatrar essas

¹ Watchman Nee e Witness Lee enfatizam muito a Igreja Local e são em grande parte responsáveis pela tendência atual neste campo. A citação dos seus nomes não pretende atacar nenhum grupo ou pessoa específica, mas deve-se apenas a um profundo desacordo com as suas ideias neste campo.

imagens, também o **estar integrado numa congregação (ou igreja local) é diferente de idolatrar essa congregação**. Podemos amar a Igreja (local) sem a idolatrar.

Se eu não me relaciono com outros cristãos de forma permanente, nem promovo esta comunhão, algo se esconde no meu coração, e está lá, mesmo que eu não o queira admitir. Muitas vezes somos como os que dizem não adorar, mas apenas venerar as imagens. Na verdade os seus ídolos estão no seu coração, por isso não os conseguem abandonar.

PODEMOS AMAR
A IGREJA (LOCAL)
SEM A IDOLATRAR.

Dizem: *“É necessário ser membro de uma igreja local!”* Se alguém faz parte de um ministério ou organização cristã, ainda que se reúna e cultue a Deus, isso não é suficiente. Se alguém integra um ministério interdenominacional em que lhe é necessário contactar com diversas igrejas, não basta. Precisa ser membro de uma igreja local!

Se crentes fazem parte de organizações para-eclesiais, não importa o que fazem, devem estar integrados numa igreja local. Se não o fizerem estão muito mal! Há algo de verdadeiro e bíblico nisto, mas falha quando se consideram os cristãos que são exclusivamente participantes em outras instituições cristãs como crentes de segunda classe.

A igreja local é uma bênção na maioria dos casos, mas tem sido, noutros, uma prisão e um **estorvo para pessoas cujos dons e ministério estão vocacionados para a Igreja de Cristo em geral, pois são quase sempre desencorajadas ao invés de incentivadas**.

Tudo o que é envolvimento exterior à igreja local é considerado a última prioridade, por isso os cristãos são encorajados a realizar tarefas na congregação, mas não a desenvolver ministérios de serviço e ministração a todo o Corpo.

Uma mentalidade tribal e não de Reino está enraizada há muito e de forma profunda. Construimos o nosso castelo, a nossa instituição, e não queremos abdicar disto, nem fazer nada que possa perturbar a sua rotina. Parafraçando o Senhor, quando este se referia ao Sábado: *“a igreja local foi criada para o homem e não o homem para a igreja local”*. Só assim ela pode ser uma bênção e não uma maldição, algo que produz crescimento verdadeiro e não crescimento de reinos pessoais baseados no isolamento ou sectarismo.

É maravilhoso fazer parte de uma igreja local, desde que seja cristã, seguidora dos princípios básicos do cristianismo, que conduza à salvação somente em Cristo e a uma vida de santificação e amor. As denominações têm também muito de bom, pois são fruto da liberdade que temos em Cristo de seguir o coração e os dons individuais. Mas, ignorar todo o Reino de Deus, não trabalhar para ele, não suspirar por ele, não sofrer por ele, não é com toda a certeza o propósito do coração de Deus.

A Igreja inclui todos os filhos de Deus: cada ser humano que ama a Cristo apaixonadamente e vive para Ele. Pode ter a forma externa de denominação, de igreja local, de organização interdenominacional, de grupo de estudo bíblico, de igreja em casas, de associação missionária, de ministério de ensino e evangelização.

Igreja são pessoas juntas cultuando a Deus e amando-se, mas não separadas dos outros que também são Igreja.

Não podemos ser Igreja sozinhos, não podemos ser Igreja apenas com a nossa família, ou com a nossa igreja local. Alguns criticam os que querem ser igreja sozinhos, enquanto indivíduos, mas fecham-se semelhantemente na sua congregação e na sua denominação. Igreja é o Corpo do Senhor e não apenas membros desligados. No corpo humano, os membros separados, seja por amputação ou acidente, morrem rapidamente se não forem imediatamente ligados ao corpo.

NÃO PODEMOS
SER IGREJA
SOZINHOS.

A Igreja não depende do número de cultos ou pregações a que se assiste, mas da comunhão que se mantém com todos os que são também Igreja (Hebreus 12:23). Embora seja determinante, **não é suficiente estar ligado ao Senhor, mas é necessário estar ligado também aos irmãos**, como está escrito:

Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos, e não praticamos a verdade; mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, **temos comunhão uns com os outros**, e o sangue de Jesus seu Filho nos purifica de todo pecado. Se dissermos que não temos pecado nenhum, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós. (I João 1:6-10)

Andar na luz é utilizado nesta passagem como sinónimo de “*termos comunhão uns com os outros*”. Se tivermos comunhão com Deus e andarmos em trevas, ou seja, se não tivermos comunhão com os irmãos, então mentimos, porque não temos verdadeira comunhão com Deus.

O coração de Deus anseia por que sejamos um só povo, que ampara o necessitado e consola o aflito. Se estou perto do seu coração, então eu vou ouvi-lo e agir de acordo com ele.

É verdade que homens de Deus tiveram tempos de recolhimento e também a Bíblia nos exorta a separarmo-nos do mundo e daqueles que dizendo-se igreja, vivem e amam a prática do pecado. Mas, isto não é pretexto para o isolamento de todo o Corpo.

Se achamos que todos estão errados e apenas nós estamos certos, então algo não está bem! Não com os outros, mas conosco. Se achamos que todos nos criticam e ninguém nos compreende, talvez realmente algo não esteja bem conosco.

Geralmente as pessoas defensoras de que podemos ser Igreja sozinhos com Deus, com a nossa família ou apenas orando com alguma pessoa amiga, passaram por alguma experiência negativa. No seu entender foram alvo de alguma injustiça, incompreensão, falta de atenção ou ficaram escandalizados com algo. Algumas vezes acontece também que entraram em pecado e a sua prática não foi aceite.

O livro de Provérbios afirma o seguinte: “*aquele que vive isolado busca seu próprio desejo; insurge-se contra a verdadeira sabedoria*” (Provérbios 18:1). Note-se que é

aquele que vive isolado e não aquele que decide ter um tempo a sós com Deus. O isolamento do coração, o individualismo, o sentimento divisionário, é contra a sabedoria de Deus. É uma sabedoria com aparência correta, porém envolvida em laços do diabo. Isto foi o que Tiago exortou:

Mas, se tendes amargo ciúme e **sentimento faccioso** em vosso coração, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade. Essa não é a sabedoria que vem do alto, mas é terrena, animal e diabólica. Porque **onde há ciúme e sentimento faccioso, aí há confusão e toda obra má**. Mas a sabedoria que vem do alto é, primeiramente, pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, e sem hipocrisia. Ora, o fruto da justiça semeia-se em paz para aqueles que promovem a paz. (Tiago 3:14-18)

A raiz do isolamento tem sempre a ver com alguma destas áreas: ressentimento, rebelião, pecado, auto compaixão, falta de perdão, orgulho ou com uma forma de proteção pelo receio de serem magoados novamente. As simples divergências doutrinárias ou discordância acerca de algo, não conduzem ao isolamento, ainda que possam produzir mudança de congregação para alguns cristãos.

Por vezes é saudável mudar de congregação. É melhor um crente mudar de 'igreja', do que viver murmurando em relação à sua congregação e liderança: *"acaso andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?"* (Amós 3:3). No entanto, ideias diferentes não são desculpa para impedir o relacionamento.

Mudar de congregação, não significa que nunca mais se falará com os irmãos que foram deixados, nem que não se terá comunhão com eles. Continuam a ser membros do mesmo Corpo, aos quais devemos relacionamento de amor, cuidado e oração.

Então se a igreja local é algo bom, o que é a idolatria da igreja local? É quando a exclusividade do nosso coração vai para um homem e um grupo único, nunca questionando nada ali, nem confrontando nada com a Palavra de Deus. Desprezam-se ou ignoram-se todos os outros crentes e líderes, assim como as doutrinas e opiniões diferentes acerca de muitos temas bíblicos.

ISOLAMENTO É
PECADO DE
IDOLATRIA.

Quando alguém idolatra a sua igreja local não se relaciona com outros cristãos, porque se acha superior ou especial, e considera que só as suas doutrinas estão corretas. Quem idolatra o seu líder, não admite que este possa estar errado em algo e não confere o seu ensino com a Bíblia. Segue cegamente tudo o que lhe é ensinado e a sua comunhão com Deus está totalmente dependente desse homem. Se este cair, a sua comunhão com Deus desmorona-se.

Idolstrar a igreja local é desprezar os cristãos que estão integrados noutros ministérios e não numa igreja local. É também não apoiar os dons que são vocacionados para todo o Corpo e ministérios interdenominacionais. É não ser capaz perante um ensino de dizer: **o líder pensa desta forma sobre este assunto, eu penso desta outra e outros grupos cristãos, diferentes de nós, têm outras posições e descrevê-las.**

Qual a solução para a idolatria da igreja local e dos líderes? A idolatria é pecado e **a única solução para o pecado é arrependimento** e mudança de atitude.

Isolamento é pecado de idolatria, sob todas as suas formas (exceto em períodos ordenados por Deus). Podemos idolatrar-nos a nós mesmos e ficarmos espiritualmente sós. Podemos idolatrar um líder e seguir cegamente o seu ensinamento, sem ver nele a falibilidade natural humana.

A idolatria da igreja local acontece quando ela ocupa o centro da nossa vida, em vez do Reino de Deus. Devemos trabalhar para a salvação dos homens, não para o sucesso da nossa denominação. Que Deus nos ajude a entender e a mudar!

O SUCESSO DO FRACASSO OU O FRACASSO DO SUCESSO?

X

Não sabeis de que Espírito sois!

Bebemos todos do mesmo Espírito (I Coríntios 12:13). Antes do Senhor partir para o Pai, deixou claro qual a ação principal do Espírito no tempo que se seguiria: *“recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas”* (Atos 1:8a). O Espírito é poder! Não há filho de Deus que não tenha esse poder, pois o Espírito é o penhor e marca no convertido (Efésios 1:13-14).

O poder em nós pode ser bem utilizado ou usado para benefício próprio, contrariando o seu propósito. Temos de discernir claramente para executarmos a vontade de Deus e não a vontade da nossa carne.

Ao olharmos para as Escrituras encontramos exemplos que nos ensinam. No caso de Elias e seu sucessor, podemos perceber que Eliseu recebeu porção dobrada da unção que estava sobre Elias, contudo nem sempre a soube utilizar para os propósitos divinos. Quando os meninos lhe chamaram calvo, amaldiçoou-os com o poder que lhe fora transmitido (II Reis 2:23-24).

Na vida de Sansão (Juízes 14,15,16), entendemos que todo o poder que nele havia coexistia com a sua carnalidade, o que conduziu à sua morte. O poder de Deus pode manifestar-se apesar do pecado da carne, mas obviamente a pessoa colherá do que semear. Ao semear na carne colherá certamente corrupção (Gálatas 6:8).

Focando-nos no Novo Testamento, Cristo ensina o mesmo princípio aos seus discípulos:

Ora, quando se completavam os dias para a sua assunção, manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém. Enviou, pois, mensageiros adiante de si. Indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos para lhe prepararem pousada. Mas não o receberam, porque viajava em direção a Jerusalém. Vendo isto os discípulos Tiago e João, disseram: **Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir** (como Elias também fez?) Ele porém, voltando-se, repreendeu-os, (e disse: **Vós não sabeis de que espírito sois.** Pois o **Filho do Homem não veio para destruir as vidas dos homens, mas para salvá-las.**) E foram para outra aldeia. (Lucas 9:51-56)

Tal como Eliseu, os discípulos interpretaram mal a manifestação do poder de Deus através de Elias. Este profeta foi usado para restaurar o culto ao Deus verdadeiro, destruindo os profetas de Baal numa demonstração de poder divino para com o poder do falso deus. Não era para ser imitado quando conviesse aos homens.

A lição para os discípulos, no episódio acima, era que o Pai não queria destruir os samaritanos, antes os amava e queria salvá-los. O poder do Espírito de Deus somente deveria ser utilizado para os fins para o qual tinha sido concedido.

O que podemos aprender? O poder de Deus em nós não é para trazer julgamento, porque não fomos constituídos juizes. Deus é o único Juiz que no seu tempo determinado julgará a todos. Quem não aceitar um

enviado de Deus, deve ser considerado com misericórdia e não desprezo. Somos chamados a reconciliar e não a destruir. Somos chamados para anunciar o Evangelho que são Boas Novas e não a reunir seguidores da nossa própria forma de cultuar.

Numa ocasião anterior, os discípulos não gostaram de ver alguém expulsando demónios:

Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que em teu nome expulsava demónios, e nós lho proibimos, **porque não nos seguia**. Jesus, porém, respondeu: Não lho proibais; porque ninguém há que faça **milagre em meu nome** e possa logo depois falar mal de mim; pois quem não é contra nós, é por nós. Porquanto qualquer que vos der a beber um copo de água em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que **de modo algum perderá a sua recompensa**. (Marcos 9:38-41)

Os discípulos queriam proibir de expulsar demónios pelo nome de Cristo a todo aquele que não fizesse parte do grupo. Cristo não concordou, porque era em seu nome que se faziam os milagres. Era Deus que era glorificado.

O Senhor não amaldiçoou os que andavam separados pregando, mas considerou-os como sendo “por nós”. Estas pessoas seriam até recompensadas pelo seu trabalho a favor do reino de Deus.

A resposta do Mestre foi muito sábia e de grande aplicação para os nossos dias. Os cristãos das igrejas institucionalizadas não aceitam muitas vezes que indivíduos ou pequenos grupos existam e preguem o Evangelho, separados das instituições.

Não devemos ter uma atitude crítica para quem é diferente do que consideramos normal. Precisamos preocupar-nos com os que ainda estão perdidos e não com os que seguem Deus de forma diferente. Deus procura que o homem deixe o pecado e se aproxime dele, mas não é exigente quanto a fórmulas e formatos. É o homem que se preocupa em controlar e em criar padrões fechados.

Os discípulos sentiam-se especiais por pertencerem aos escolhidos. Tinham recebido poder para expulsar demónios e queriam ser os únicos a fazê-lo. Queriam ser reconhecidos e admirados pelo que faziam, ao ponto de discutirem entre si qual seria o maior. Numa dessas ocasiões receberam um ensino extraordinário:

Mas o maior dentre vós há-de ser vosso servo. Qualquer, pois, que a si mesmo se exaltar, será humilhado; e qualquer que a si mesmo se humilhar, será exaltado. (Mateus 23:11-12)

Posteriormente, Paulo sabia “de que Espírito era”! A glória do seu ministério era dada apenas ao autor do poder e do saber. A humildade de Paulo deveria ser imitada hoje. Ele nunca se considerou dono das pessoas nem das igrejas que fundou.

Ao considerar-se apóstolo, não se colocava como chefe e líder das igrejas gentílicas. É interessante como **qualquer dos apóstolos tinha a mesma autoridade por todas as igrejas, gentílicas ou judaicas**. Se outro apóstolo chegasse, Paulo não assumia as igrejas como sendo suas.

Na atualidade há quem exija que se façam alianças com líderes específicos. Até há contratos assinados por

escrito, com compromissos de serem fiéis a um determinado ministério ou servos de uma só pessoa.

Assinar contratos, alianças com igrejas, com lideranças é sempre temporário e condicional. Não se podem comparar estas alianças com o casamento ou a nossa aliança com Cristo. É caso para clamar: “*não sabeis de que espírito sois?*”. Ninguém é dono de ninguém! Fazemos parte do mesmo Corpo e há um só Senhor. Aquele que se apropria de outros homens, não sabe mesmo de que Espírito é!

Acompanhei uma situação de um pregador que veio a Portugal e levou um grupo de irmãos a fazerem uma aliança de sangue com ele, de modo que quando voltasse ao seu país, estes lhe entregariam para sempre os seus dízimos. Estas pessoas, membros de uma pequena igreja, ingenuamente e baseados no “poder profético” da pessoa, aceitaram essa aliança.

Passado algum tempo, talvez um ano, caíram em si, e perceberam que o dinheiro era necessário para manter a pequena congregação de que faziam parte. Então pediram ajuda a um líder, que orou quebrando aquela aliança. Todavia, ainda se sentiam temerosos, pelo facto de ter sido uma aliança de sangue.

Conheço líderes que fazem orações para “amarrar” os crentes na sua igreja. Se alguém deseja sair, por não se identificar com a doutrina ou alguma outra coisa, são feitos jejuns e orações para trazer a pessoa de volta, mesmo que a pessoa tenha explicado que deseja ir para outra congregação.

Noutra situação que partilharam comigo, um casal que era parte da liderança de uma igreja, decidiu ir para outro ministério. Durante um ano de tentativas para se

afastarem, foi-lhes feita grande oposição. Era-lhes dito que não podiam sair porque tinham uma aliança e seriam rebeldes caso fossem para a outra congregação. Inclusivamente contactaram o líder da outra igreja pedindo que não recebessem o casal.

Ainda mais outro exemplo... Um irmão que conheço decidiu sair da denominação de que fazia parte. Já havia muito tempo que se sentia frustrado com a forma de funcionamento e discordava em diversos pontos com o pastor. Com grande dificuldade e oposição, depois de tentarem manipular emocionalmente a esposa, acabou por sair. Então o líder deslocou-se ao Instituto Bíblico, onde este estudava, pedindo que o expulsassem, por ele estar em rebelião. Isto não veio a acontecer, pois era claro que não havia atitude rebelde, mas um desejo de agir segundo a consciência.

Foram alguns exemplos que acompanhei com alguma proximidade. Poderia dar mais... O que está por trás destas atitudes? Além da questão afetiva, da necessidade prática nas igrejas ou de alguma dependência financeira, nota-se um conceito de liderança muito distorcido.

Quanto à aliança de sangue, que foi feita com o profeta estrangeiro, é de tal forma uma aberração que é difícil perceber como alguém pode aceitar algo assim! Existem profetas que usam um certo tipo de "adivinhação" para impressionar e levar pessoas a fazerem qualquer coisa!

Na minha opinião, **não se fazem alianças de sangue com ninguém**. Apenas Cristo tem uma aliança desse tipo conosco. Na verdade, **alianças com líderes e congregações não têm nada de bíblico**. A nossa aliança

com Cristo nos faz parte da sua Igreja e não são precisas mais alianças.

Lembro-me de ter feito parte de uma denominação, onde no curso de integração se deu uma lição sobre 'aliança', equiparando a aliança com a congregação às alianças referidas na Bíblia e até ao casamento. Tive de intervir e deixar claro, que apesar de pretender ficar na denominação não faria aliança nenhuma desse tipo, contudo comprometia-me a ser fiel enquanto Deus me quisesse ali.

Relativamente às orações para manter ou trazer de volta crentes afastados, temos de ter muito cuidado. A oração serve para abençoar e não para amaldiçoar. A oração que procura gerar algo na vida de uma pessoa, diferente do que a pessoa quer, só se for pela salvação. Além disso, chama-se manipulação e bruxaria!

Se um cristão está em comunhão com Deus, se não está em pecado grave, podemos conversar e transmitir a nossa opinião, mas não somos donos de ninguém. Mesmo que o irmão não queira estar em nenhuma congregação e prefira ficar sozinho, ninguém tem o direito de decidir pelo outro. Se o irmão decidiu congregar-se noutra igreja, então ainda é mais disparatado.

Uma oração que é explicitamente bruxaria é aquela que ora para acontecer algo grave e terrível para fazer a pessoa voltar para a igreja. Somos chamados a abençoar! Somos por natureza abençoadores e não amaldiçoadores! Que dizer de líderes, que a partir do púlpito, invocam maldição para quem se opuser ao seu ministério?! Apenas que não "sabem de que espírito são"!

Outra oração terrível feita por alguns cristãos é aquela que clama por justiça divina sobre alguém. Mas, irmãos, de que espírito sois? Somos chamados para resgatar das trevas, somos chamados a orar e amar o inimigo, a dar a outra face. Somos chamados para imitar a Cristo e seguir o seu ensino. Somos abençoadores e perdoadores!

SATANÁS OPRIME,
O ESPÍRITO LIBERTA!

Só há um Senhor! Quem se apropria de homens está a agir com um princípio maligno! Quem amaldiçoa outros também! **São os demónios que tomam homens por possessão e os amaldiçoam.** Satanás prende, o Espírito liberta.

As palavras do Senhor devem trazer-nos temor:

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; **apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.** (Mateus 7.21-23)

Não podemos servir o Espírito de Deus e usar o seu poder para amaldiçoar e prender outros homens. O Espírito Santo atrai mansamente e respeitando o ser humano. É o homem que se entrega voluntariamente a Deus, não é tomado pela força. Podemos assim compreender melhor a expressão “de que Espírito sois”! Pertencemos a um Espírito que é Amor, Salvação e Misericórdia. Se Ele é Senhor, não nos coloquemos como senhores sobre os nossos irmãos.

XI

Principais obstáculos ao envolvimento entre igrejas:

1. Perder os crentes

Cada filho de Deus pertence unicamente ao Senhor. Só há um Senhor sobre a igreja! Toda a liderança que Deus instituiu, existe para servir e guiar o povo de Deus, não para exercer senhorio sobre os crentes.

A ideia de que liderança equivale a domínio provém da Queda após o pecado. Como consequência da sua transgressão, Deus disse a Eva: "*... o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará*" (Gênesis 3:16). O domínio dos seres humanos de uns sobre os outros provém do pecado da carne.

O Senhor ensinou o que significa liderança segundo o seu coração, quando lavou os pés aos seus discípulos e disse: "*Ora, se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Porque eu vos dei exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também*" (João 13:14-15). Aquele que lidera é, segundo Deus, um "lava-pés" dos seus liderados.

Quanto maior é o cargo de liderança, maior é a sua responsabilidade em servir e não usar o ministério para ter o carro e a casa mais caros ou ter domínio sobre os outros cristãos. Cristo sempre ensinou que, aquele que

quer ser o maior, então torne-se o menor, logo liderar é servir, antes de qualquer outra coisa.

Se a atitude for servir e não dominar, será mais fácil não ceder ao receio de perder os crentes em favor de outra igreja. Os cristãos não pertencem ao líder, pertencem ao Senhor. Por outro lado, se os cristãos estiverem a ser bem servidos e bem alimentados com a Palavra de Deus, não procurarão outro pastor. A Bíblia mostra-nos razões pelas quais as ovelhas de Deus se podem dispersar:

Pois os pastores se embruteceram, e **não buscaram ao Senhor**; por isso não prosperaram, e todos os **seus rebanhos se acham dispersos**. (Jeremias 10:21)

Ai dos pastores que **destroem e dispersam** as ovelhas do meu pasto, diz o Senhor. Portanto assim diz o Senhor, o Deus de Israel, acerca dos pastores que apascentam o meu povo: Vós dispersastes as minhas ovelhas, e **as afugentastes, e não as visitastes**. Eis que visitarei sobre vós a maldade das vossas ações, diz o Senhor. (Jeremias 23:1-2)

Ovelhas perdidas têm sido o meu povo; **os seus pastores as fizeram errar**, e voltar aos montes; de monte para outeiro andaram, esqueceram-se do lugar de seu repouso. (Jeremias 50:6)

Ai do **pastor inútil**, que **abandona o rebanho!** A espada lhe cairá sobre o braço e sobre o olho direito; o seu braço será de todo mirrado, e o seu olho direito será inteiramente escurecido. (Zacarias 11:17)

Filho do homem profetiza contra os pastores de Israel; profetiza, e diz aos pastores: Assim diz o

Senhor Deus: Ai dos pastores de Israel que **se apascentam a si mesmos!** Não devem os pastores apascentar as ovelhas? **Comeis a gordura, e vos vestis da lã; matais o cevado; mas não apascentais as ovelhas. A fraca não fortaleceste, a doente não curaste, a quebrada não ligaste, a desgarrada não tornastes a trazer, e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza.** Assim se espalharam, por não haver pastor; e tornaram-se pasto a todas as feras do campo, porquanto se espalharam. (Ezequiel 34:2-5)

Alguém dirá que estes textos não foram escritos pensando no ministério pastoral do Novo Testamento. Isso é verdade! Eles comparavam os líderes do povo de Israel com o pastor de um rebanho. É nesta perspectiva de comparar um líder espiritual com o pastor de rebanhos que utilizamos os textos.

Segundo as passagens, alguns fatores que provocam a dispersão do rebanho são: o pastor não buscar o Senhor, com as suas atitudes destruir e afastar por sua iniciativa as ovelhas, não as visitar, influenciá-las a cometer erros, **procurar o benefício pessoal em vez do rebanho**, não ajudar quem necessita, não procurar quem se afastou e usar de dureza, dominando sobre as ovelhas.

É interessante a expressão “*não as visitaste*”, sendo um texto do Antigo Testamento! A prática da visitação dos pastores aos crentes é rara. Cada vez mais o contacto com o pastor se resume aos encontros dominicais ou à resposta a pedidos desesperados das ovelhas. Mas, se aqui é evidenciado o “*não visitar*” como fator para a dispersão, então a visitação é um meio para manter a ovelha bem tratada e segura.

A visitação por iniciativa do pastor é uma forma de apascentar incomparável, porque faz sentir ao crente que não é apenas um número na congregação, nem tem que suplicar ajuda, pois tanto em bons, como em maus momentos, está de igual modo a ser apascentada.

APASCENTAR
É SACRIFÍCIO
E NÃO LUCRO!

Ezequiel fala contra aqueles pastores que procuram o que podem beneficiar das ovelhas ao invés daquilo que podem oferecer-lhes. Não podia ser mais atual esta passagem! Nunca vou entender que seja pregado aos crentes, com dificuldades económicas, que ofertem abundantemente, se os líderes usarem esse dinheiro para coisas que não são as necessidades prioritárias.

Não é errado ser rico, mas é errado usar o dinheiro que foi dado com sacrifício para usufruir de prazeres que quem deu jamais poderá sonhar. Há quem considere isso normal, e chame a isto “ter fé”, mas não consigo encontrar isso na Bíblia, como sendo a vontade de Deus. Apascentar é sacrifício e não lucro!

Existem líderes que passam grandes dificuldades, mas, noutros casos, se o pastor pode viver de forma muito “próspera” e pode viajar constantemente, não deveria partilhar com os que necessitam, nomeadamente os crentes da sua igreja que têm dificuldades, ou com outros pastores mais necessitados? Afinal, são as ovelhas que contribuem! **Deveria haver um retorno para as que mais precisam.** Talvez isto pareça uma ideia estranha hoje, mas é o que o Novo Testamento ensina acerca de dinheiro.

Este conjunto de versículos atrás termina afirmando que nenhuma ovelha faltará se realmente estiver a ser apascentada. Surgem também situações em que pessoas se afastam devido a erro seu, mas em alguns casos a razão é porque não estavam a ser apascentadas corretamente.

Apascentar não é só pregar ao domingo e nos outros cultos semanais, não é só orar quando é pedida oração, não é só socorrer quando alguém está desesperado. É relacionamento contínuo, é orar pela manifestação de dons e não apenas problemas, é visitar e procurar saber o estado das ovelhas (Provérbios 27:23). É apascentar, quando está tudo bem, não apenas com demonstração de amizade, mas também com **empenho sério em promover e desenvolver dons**. Não é querer saber a vida íntima das pessoas para bisbilhotice, antes é procurar forma de servir e amar, respeitando a privacidade.

Apascentar é também vibrar com os dons e sonhos dos seus liderados, é incentivá-los, sacrificar-se em pró da vitória e sucesso das ovelhas, no desenvolvimento dos seus ministérios, sem ter medo de perder o destaque e a popularidade principal na congregação.

Aquele que é verdadeiro apascentador alegra-se em diminuir-se, para ver crescer aqueles que apascenta. **Treinar e ensinar implica deixar que outros façam e façam menos perfeito até crescerem.**

Ter receio de perder crentes não faz sentido para o pastor que está empenhado em servir e não em ser servido. Temer que os seus cristãos mudem de igreja deve ser combatido como uma ideia não bíblica e errada.

Devemos orar para que isso saia completamente da nossa mente e coração, de modo que não seja impedimento para o relacionamento entre igrejas.

Se pessoas saíam da sua igreja e foram para outra, procure saber porquê e não pense que quem está errado é a ovelha. Pode ser e pode não ser verdade. Descubra o que a ovelha procura e porque está insatisfeita. Procure saber como apascentam nas igrejas onde as ovelhas estão bem tratadas e felizes. Peça ajuda a outros pastores em vez de os criticar por lhe roubarem os crentes.

Converse com as pessoas que saíram para saber o que melhorar, mas sem impor que regressem. Oprimir e coagir equivale a “bruxaria”, pois é manipulação. É duro para o orgulho, é verdade! Só o que alcançou maturidade o consegue fazer, pois entende que *“quem se humilha será exaltado”* (Mateus 23:12).

2. Diferenças de doutrina

Existe um provérbio judaico que diz: *“dois judeus, três opiniões”*. O mesmo sucede com os cristãos. Junta-se um pequeno grupo de crentes e, ao conversarem sobre qualquer tema, vão surgir opiniões diversas. Sempre foi assim e sempre será. Se assim não for, algo está errado, pois significa que há impedimento a que as opiniões sejam abertamente expressas.

No Judaísmo sempre existiram posições diferentes face a pontos específicos das Escrituras; como judeus que eram, os discípulos de Cristo discordavam também uns dos outros. Se analisarmos de forma isenta a Igreja primitiva, facilmente chegaremos à conclusão que a

diversidade não difere muito dos nossos dias. As Epístolas bíblicas são, em grande parte, resultado dessa situação de atritos devido às ideias diferentes.

Havia divergência na prática da Lei de Moisés, entre as igrejas gentílicas e a de Jerusalém. Os gentios podiam ter optado por separar-se de Jerusalém, mas Paulo, como já vimos em Gálatas 2, considerou que isso seria fazer vão o seu ministério.

Atos 15 relata como o problema foi resolvido: Paulo apresentou as suas razões e aceitou o que os apóstolos lhe indicaram. Ambas as partes cederam e procuraram um ponto de equilíbrio de forma a manter a comunhão.

Para manter a unidade é essencial a mansidão, a humildade, o respeito e aprender a ceder. A unidade nunca será compatível com o orgulho e o individualismo, com o “eu sei”, “eu sou” e “a minha visão”. Precisamos acordar para o facto de que **a Verdade defende-se a si mesma, quando o amor vem em primeiro lugar.**

PARA MANTER A
UNIDADE É ESSENCIAL
A MANSIDÃO.

Quando aprendermos a amar aquele que é diferente, conseguiremos lidar com a sua diferença. Poderemos convidá-lo para a nossa igreja e para a nossa casa, sem receios ou inseguranças. Ouvi em tempos, não me lembro a quem: *“Quão diferentes se tornam as pessoas quando passamos a amá-las!”*. O amor sempre fará a diferença!

Impedir que posições diferentes sejam expressas é limitar o pensamento e a capacidade crítica, ou seja, limitar o amor. A consequência é que o crescimento é impedido. Como poderão crescer se nunca necessitaram

de pensar? Como aprenderão a pensar se não for permitido manifestar a opinião e não contactarem com posições diferentes?

É saudável conhecerem-se diversas opiniões e conseguir-se respeitar a diferença; isto é amor verdadeiro; as dúvidas podem ser esclarecidas posteriormente pelos líderes, que poderão explicar a sua posição nas Escrituras, mas deixando espaço para alguém poder discordar. Se este ambiente de liberdade e aceitação existir com os de dentro da congregação, não haverá perigo algum de que crentes de fora venham e preguem, conversem e ensinem.

Assim seremos todos irmãos e não primos!

3. A falta de tempo

A falta de tempo, devido às necessidades internas, é um mal geral. Lembro-me de aprender em criança: “*O tempo perguntou ao tempo, quanto tempo o tempo tem; o tempo respondeu ao tempo que o tempo tem tanto tempo quanto tempo o tempo tem*”. Este é um jogo de palavras que pretende transmitir a imutabilidade e igualdade do tempo disponível a todos.

Todos temos dias de vinte e quatro horas e semanas de sete dias. O que varia é a utilização que fazemos desse tempo. “*Não tenho tempo*”, ouvimos todos os dias, dos outros e da nossa própria boca. Parece que dizemos: “Deus deve ter-se enganado, quando definiu o nosso tempo”! Na verdade, Deus não se enganou, mas nós nos enganamos, quando não sabemos estabelecer prioridades de forma correta.

O amor é uma prioridade bíblica, “*amai-vos uns aos outros*” e “*para que sejam um*” são prioridades bíblicas. O relacionamento entre igrejas é uma prioridade bíblica. Deus deu-nos o tempo necessário e suficiente para colocar isto em prática.

Temos de deixar aquilo que está a impedir que façamos a vontade de Deus! Talvez seja a nossa visão, o nosso conceito de igreja, a apropriação sobre os outros cristãos... Deus nos revele a cada um, onde estamos a desperdiçar o tempo, que Deus nos deu, naquilo que não é prioritário! Algo pode ser importante, mas não prioritário.

TEMOS TEMPO
PARA O QUE É
PRIORITÁRIO.

Um dia ouvi uma afirmação que se tornou um lema para a minha vida: “**tenho sempre tempo para aquilo que Deus quer que eu faça**”. Temos tempo para o que é prioritário. Isto implica muitas vezes parar de fazer “as minhas coisas” para fazer as “coisas de Deus” e disciplinar-me aproveitando todos os momentos.

As congregações precisam ter tempo para parar com as suas atividades e unirem-se nos eventos interdenominacionais. Precisam ter tempo e coragem, tempo e **revelação**, tempo e humildade para dizerem ao irmão com quem não concordam: “precisamos estar contigo”. Isto não implica deixar tudo o que estamos a fazer e tudo o que cremos ser projeto e instrução de Deus. Lembremos o que disse o pregador bíblico: “Tudo tem a sua ocasião própria, e há tempo para todo propósito debaixo do céu” (Eclesiastes 3:1).

4. Desvios da visão da congregação

Visões pessoais são formas diferentes de pôr em prática a mesma Bíblia; isso não pode ser impedimento a obedecer aos mandamentos mais importantes como amar o irmão. Para Deus isso é mais importante que qualquer visão pessoal, mesmo que tenha vindo Dele.

A visão existe para ser executada paralelamente à prática da Palavra de Deus e à comunhão com o Corpo de Cristo. Devemos incentivar as visões pessoais e não combatê-las; devemos incentivar os dons e ministérios dos irmãos e congregações, mas todas, não apenas a nossa.

Há uns anos, um amigo dizia-me: *“se vir uma criança cuja maior qualidade for andar de skate, então eu vou encorajá-la, porque de alguma forma será uma bênção no Reino de Deus”!*

DEUS NÃO
DESISTE DE
NINGUÉM!

Ele queria dizer que cada capacidade e dom são bênçãos de Deus e podem fazer a diferença neste mundo, contribuindo de alguma forma para o avanço do Reino de Deus. É somente necessário motivar e incentivar as pessoas a descobrirem os seus talentos e a desenvolverem-nos para glória de Deus, sejam estes quais forem.

Quando uma visão provém de Deus, não há nada que nos faça perdê-la. Muitas vezes, isso implica viver com os irmãos, mas não partilhar com todos os sonhos do nosso coração. É como se Deus colocasse em nós uma sementinha preciosa que devemos cuidar e proteger, até se tornar grande e forte.

Quando chega a hora de a colocarmos em prática, se somos incompreendidos e perseguidos, o que fazer? Obedecemos a Deus sempre, no amor aos irmãos e também na execução da visão. Vamos ter com o irmão e procuramos que ele nos compreenda, oramos para que isso aconteça e se assim não acontecer procuramos que, ainda discordando, a comunhão não seja interrompida. Se o outro exigir que isso aconteça, então continuaremos a tentar e a orar, sem desistir jamais do irmão.

Deus não desiste de ninguém! Não podemos nem devemos desistir dos outros, tal como Deus nunca desistiu de nós, nos tempos das nossas desobediências e teimosias, nos tempos das nossas fraquezas e cegueiras, como aconteceu na parábola do filho pródigo.

5. Profissionalização do trabalho pastoral

“O António não conseguiu entrar na Faculdade... O que fazer? Talvez fosse uma boa oportunidade para ir para um Instituto Bíblico... Afinal o seu pastor é bem-sucedido! Ser pastor é uma possibilidade profissional como outra qualquer... Assim, o António fez o Instituto Bíblico e começou a pregar na sua igreja, primeiro por exigência do curso e depois, porque o pastor gostou de ter ajuda. Quando terminou o curso, foi colocado numa igreja da denominação e tornou-se próspero como o seu pastor. Não foi para a faculdade, mas tinha um trabalho bem remunerado, um bom carro, uma boa casa. Era um trabalho como outro qualquer!”

Este António, que imaginei, representa todos aqueles que por diversas vias entraram no ministério pastoral, não por uma chamada de Deus, mas por força das circunstâncias. Os motivos podem ser muitos: casar com alguém que tem chamada para missões ou outro ministério, ser filho ou genro de pastor, ser o jovem preferido do líder na congregação, entre muitas razões que se podem imaginar.

Há anos atrás, um pastor confessou-me que quando estava a estudar arquitetura, iniciou namoro com a filha do seu pastor. Devido a pressões, acabou por abandonar o curso e entrar no Instituto Bíblico. Vi no seu olhar uma mistura de frustração e conformismo. Se ele pudesse voltar atrás, teria sido arquiteto, desabafou ele, mas nunca se pode voltar atrás. Agora era pastor, bom pregador, crente sincero, amigo dos cristãos, uma pessoa agradável, mas convivendo diariamente com a sua frustração secreta.

Entretanto, conheci uma mulher que apascenta todas as ovelhas necessitadas que consegue. Trabalha sem descanso para ajudar a fraca e a doente. Vai procurar a perdida e intercede, clamando por cada uma em oração pelas madrugadas. Esta mulher não tem título de pastora e provavelmente nunca terá, mas reconheço que Deus lhe deu esse ministério, ainda que os homens não lhe tenham querido dar o título.

Ela poderia estar no lugar que o António da nossa história foi ocupar e faria um trabalho muito mais excelente, com muito mais amor. No entanto, tem um problema, é mulher e “não usa gravata”! Além disso, o seu marido não é tão devoto quanto ela, por isso está destinada a ser a irmã querida que ajuda o pastor.

Quero acreditar que a maioria dos nossos pastores o são porque Deus lhes deu esse dom. Mas, tenho encontrado alguns que, embora fazendo um trabalho razoável, falta-lhes algo: a **unção específica de Deus para apascentar**. No entanto, esse é o seu trabalho e seria tarde demais para encontrar outro modo de vida. Por isso consolam-se dizendo a si mesmos que, apesar de tudo, estão a servir a Deus.

Entre os cristãos evangélicos utiliza-se hoje o título Pr. (pastor) tal como se usa o Dr. (doutor) secularmente. Em Portugal, todos são Dr., basta fazer uma qualquer licenciatura. Assim também, facilmente se chega a Pr., exceto se for do sexo feminino. Nesse caso, se não for esposa de um pastor, será preciso um milagre divino para obter tal título!

OS TÍTULOS NÃO SÃO
TÃO IMPORTANTES
QUANDO O DOM!

Graças a Deus que ainda faz milagres! E que os títulos dos homens não são tão importantes quanto o dom de Deus, por isso muitas mulheres exercem o dom e não se importam com títulos, porque o têm aos olhos de Deus.

O pastor centraliza quase a totalidade do poder eclesiástico na maioria dos grupos cristãos. Os restantes ministérios (Efésios 4) sobrevivem a grande custo, sendo considerados pela maioria como ministérios menores, de segunda classe. Não é assim doutrinariamente, mas na sua atitude prática.

Os apóstolos tornaram-se, nos últimos anos, exceção a esta regra: estão a proliferar como cogumelos! É assim que chamam agora aos líderes das grandes

denominações, mas a maioria são apenas pastores com poder sobre outros pastores.

Penso que o desenvolvimento da proeminência do pastor sobre os restantes ministérios se deve à evolução errada que o conceito de igreja local teve. Como só o que é associado à congregação local é considerado certo, na mente de muitos, então o ministério que tende para o interdenominacional é inferior em vez de ser apoiado e incentivado.

Tradicionalmente, só trabalha a ‘tempo inteiro’ na igreja quem tem o título de pastor, exceto trabalhos mais administrativos em denominações muito grandes. Se não tiver o título, então deve manter o seu trabalho secular. Mas, e o seu ministério!? Qual ministério? O único ministério remunerado é o de pastor...

Se alguém quer exercer um ministério diferente, mantém o seu emprego e sobrevive ministerialmente como pode, ou tem que ser primeiro um pastor frustrado, que se for bem-sucedido, poderá mais tarde identificar-se como apóstolo, profeta, mestre ou evangelista. O dinheiro da igreja local vai para o líder da igreja local, para salário e o restante é por ele administrado. Quanto aos outros, “vivam pela “fé”! Talvez devamos repensar muitas coisas...

Oro para que isto seja cada vez menos verdade! Oro para que os ministérios como dons de Deus em operação, sejam restaurados e a profissionalização pastoral seja cada vez menos profissão e mais chamada de Deus, vocação, entrega, compaixão e dedicação, que todos os ministérios sejam igualmente respeitados e honrados.

Alguém poderá pensar que “ataco” muito o ministério pastoral, mas não é assim... Um pastor com esse dom é precioso! **Função é diferente de dom.** Na função de “pastor” precisamos urgentemente de pessoas com o “dom”! É porque outros dons estão a ocupar essa função que tantos saem despedaçados das igrejas... Pessoas que amam, cuidam e sabem carregar ao colo as ovelhas são essenciais!

O que está a faltar é o entendimento do que é função, dom e cargo. **Liderança é diferente de dom!** Ser líder significa maturidade no Corpo e alguém que treina e apoia outros, não está diretamente ligado a um dom específico. Esta consciência é essencial para separar cargo de dom, e **acabar com a “corrida ao título”!**

FUNÇÃO É
DIFERENTE
DE DOM.

Tenho saudades do tempo em que, por maior que fosse o cargo, **todos eram tratados por irmãos.** Agora os cartazes dos eventos listam os seus títulos pomposos! Benditos os que não procuram glória neste mundo, porque dão toda a glória ao único que é digno dela!

O SUCESSO DO FRACASSO OU O FRACASSO DO SUCESSO?

XII

A História e o Ministério Laico

A Igreja não esteve sempre hierarquizada como a conhecemos hoje. No princípio, a liderança treinava e ensinava, mas todos eram evangelizadores, participantes nos cultos coletivos, todos partilhavam cântico, profecia ou dom. Não havia grande diferença prática, era a maturidade e a unção específica que fazia a distinção, apesar de existirem vários anciãos e diáconos.

Quando lemos comentários do Novo Testamento, percebemos que uma das formas de datar os livros bíblicos tem a ver com a análise do tipo de igreja descrita. Os livros que descreviam uma igreja muito organizada e com uma liderança muito hierarquizada foram considerados mais tardios, logo não foram incluídos no *Canon*. Muitos autores escreveram usando os nomes dos apóstolos, mas não foram aceites por diversas razões. Uma delas é a organização hierárquica muito formal e clerical descrita nos seus textos, que mostra que não são do primeiro século.

Existiam anciãos (também chamados de presbíteros ou bispos) e diáconos, mas jamais assumiam o estatuto que a liderança tem na Igreja que conhecemos. A distinção entre líder e liderado não era o abismo atual, nem em conceito e muito menos na prática. Qualquer um que sentia Deus chamá-lo, partia e espalhava a Palavra, levava a cura e libertação aos homens.

Os líderes não se apropriavam dos convertidos e o relacionamento entre a Igreja de Deus era fomentado com alegria. **Só o Espírito era a “cobertura” espiritual, mas as “destras da comunhão” ligavam-nos.** Eram ensinados a honrar os anciãos e todos os apóstolos, mas não havia domínio, nem uma reverência idólatra, que ocupa o lugar de Deus.

Depois da morte dos Apóstolos, iniciou-se a deturpação da pureza do cristianismo original. Inácio escreveu as suas epístolas aproximadamente no ano 107 AD. Inácio era discípulo de João, e era o Bispo de Antioquia. Na sua Epístola aos Efésios², intitula o capítulo VI de *“Ter respeito pelo bispo como ao próprio Cristo”*. Aqui diz o seguinte: *“É manifesto então, que devemos olhar para o bispo como nós olharíamos para o próprio Senhor”*. Os bispos da altura usaram as cartas de Inácio para aumentar o seu poder.

Esta ideia de autoridade equivalente ao próprio Senhor, não era vivida até aí. Antes, todos eram reconhecidos como irmãos e sujeitos ao mesmo Senhor, ainda que respeitados pelo ofício que desempenhavam. **Inácio instituiu a obediência cega e total reverência em temor a outros homens, como fariam para com Deus.**

Faziam diferença entre cristãos com títulos clericais e cristãos laicos. A epístola tem conteúdo muito válido no seu apelo à unidade, mas não pode ser tratada como qualquer outra epístola bíblica, reconhecidamente inspirada pelo Espírito Santo. Como em qualquer outro escrito, os escritos de Inácio devem ser examinados e deles retido apenas o bem (I Tessalonicenses 5:21).

² http://www.luz.eti.br/do_inacioaosefesios.html

Na Igreja Primitiva, o único sacerdócio era o sacerdócio comum de todos os crentes. O simples recém-convertido está habilitado a entrar no Lugar Santíssimo e adorar a Deus, assim como a ministrar aos homens pelo Espírito que nele habita. **A separação de uma classe privilegiada, uma ordem sacerdotal, não existe no Novo Pacto.** Todos os crentes são “*sacerdócio real, nação santa*” (I Pedro 2:9).

A ordenação episcopal elevou o bispo ao mais alto estatuto. Não só cresceu a sua autoridade, como se tornaram gradualmente mediadores entre Deus e os homens. Cada vez mais Deus ia ficando distante...

TODOS OS CRENTES
SÃO SACERDÓCIO REAL.

O princípio de que se deve obedecer ao homem como a Deus é maligno, pois Deus colocou ministérios para orientar e não para intermediários com Deus. A maravilha da Nova Aliança é o relacionamento direto de Deus com cada homem.

Isto não seja deturpado, procurando-se anular toda a autoridade. Não é isso que significa! **Sempre existiram homens em posição de autoridade sobre outros, tanto secularmente como espiritualmente.** Os ministérios são dados pelo Senhor, assim como os ofícios e toda a autoridade. No entanto, **o engrandecimento dos homens ao nível de Deus perante outros homens é totalmente antibíblico** e é idolatria.

O ministério, no Novo Testamento, significava servir em humildade, em vez de governar de uma posição elevada (Mateus 20.26-28), sendo Cristo o único centro de poder e reverência.

Quanto mais crescia a diferença entre clero e leigo, maior era o abismo entre os homens e Deus. Entre os anos 218 a 223, Calisto invoca Mateus 16:18, para se autodenominar sucessor de Pedro como bispo de Roma, devido à disputa do título com Hipólito, que se assumia também como bispo de Roma. Surge aqui a lenda de que Pedro foi o primeiro papa.

A partir do ano 245, o clero começou a receber salário e foi proibido de trabalhar fora da Igreja. No Concílio de Elvira (Espanha), no ano de 300, surge a primeira lei acerca do celibato do Clero, mas não se estendia ainda a todos, era apenas local. Todavia, talvez o marco mais importante da fuga da Igreja para o oposto da sua origem, tenha sido a pseudo **conversão de Constantino**.

O imperador influenciou a Igreja mais que qualquer bispo, porque ele criou condições para que a Igreja absorvesse o paganismo existente e até hoje muito é mantido, quer por católicos, quer por alguns evangélicos. Sobre esse tema não nos estenderemos aqui por não ser o nosso assunto, mas qualquer um poderá estudar as mudanças posteriores a Constantino no seio da Igreja, no que diz respeito à absorção das tradições pagãs.

O poder clerical crescera e conseguira o apoio do poder secular. O clero nunca fora tão poderoso como a partir de Constantino, pois a proteção do Imperador, impedia qualquer oposição. Tudo o que era diferente da doutrina instituída, ainda que paganizada, era rotulado de heresia.

O poder da hierarquia religiosa cresceu, chegando a haver por várias vezes dois papas e até mesmo três

simultâneos (687, 768, 1045). Em 1075, o papa Gregório VII declara que o Pontífice Máximo da Igreja Romana está acima de toda autoridade terrena (*Dictatus Papae*).

Em 1229, os leigos foram proibidos formalmente de ter acesso à Bíblia. O Concílio de Toulouse (França), que também criou a Inquisição, estabeleceu:

Proibimos aos leigos de possuírem o Velho e o Novo Testamento... Proibimos ainda mais severamente que estes livros sejam possuídos no vernáculo popular. As casas mais humildes lugares de esconderijo, e mesmo os retiros subterrâneos de homens condenados por possuírem as Escrituras devem ser inteiramente destruídos. Tais homens devem ser perseguidos e caçados nas florestas e cavernas, e qualquer que os abrigar será severamente punido. (Concil. Tolosanum, Papa Gregório IX, Anno Chr. 1229, Canons 14:2).

É sobejamente conhecida a situação da Igreja no século XV e XVI. Já vários reformadores como Wycliff, Huss, Savonarola tinham tentado reformar a Igreja, mas a Inquisição destruiu os movimentos e matou os seguidores. Quando Lutero começou a receber a revelação das Escrituras, chegara-se ao auge da corrupção, porque **o poder excessivo corrompe sempre o homem.**

De tudo o que Lutero fez, o principal foi devolver a Bíblia aos leigos. A tradução da Bíblia na língua do povo devolveu a dignidade ao crente, aproximando-o novamente de Deus. Lutero instituiu também o louvor congregacional, permitindo que cada cristão pudesse louvar a Deus na sua língua em conjunto com toda a

congregação. A justificação pela fé libertou os homens do poder do clero, pois não mais era necessário adquirir por dinheiro as indulgências, os perdões, a salvação.

Mas, será que a reforma de Lutero ficou completa? Será que se regressou com a Reforma à pureza da igreja primitiva e à fé apostólica? Um olhar atento perceberá facilmente que não. Lutero foi um instrumento divino para libertar a Igreja em algumas áreas, mas a purificação não foi completa.

Há ainda muito de Roma em nós, na nossa doutrina, na nossa tradição, nos nossos rituais. Há ainda muito a fazer para restaurar plenamente a identidade do cristão diante de Deus, da Igreja e do mundo.

A Bíblia traduzida e divulgada outrora com sangue de mártires é atualmente abandonada na prateleira e deixada para o “clero”. Ouve-se acerca da Bíblia, lêem-se até alguns versículos selecionados, mas está a perder-se novamente a leitura das Escrituras Sagradas, não porque tenha voltado a ser escrita em latim, mas porque o homem está ocupado demais, desmotivado, stressado e perdeu o primeiro amor que Cristo pede (Apocalipse 2:4).

Inconscientemente, tem-se falsa ideia de que se “paga a profissionais religiosos mensalmente” para que estes leiam e orem no lugar dos leigos, para que sejam intermediários entre eles e Deus! Aquilo que outrora foi usurpado à força está hoje a ser entregue voluntariamente tal como Esaú entregou o seu direito de primogenitura por um guisado de lentilhas (Gênesis 25:31-34).

O SACERDÓCIO DO
CRENTE PRECISA
SER RESTAURADO!

O sacerdócio do crente precisa ser restaurado! Isso só acontecerá quando a Bíblia voltar a ser o centro da vida cristã, da comunhão com Deus, quando deixarmos de olhar para ela como se ainda em latim estivesse escrita.

Ao ler a Bíblia, na sua totalidade, a verdade ser-nos-á revelada como a Lutero e faremos uma nova reforma, agora não contra a inquisição ou indulgências, mas contra a distância de Deus, contra o comodismo, a indiferença, contra a falta de santidade, de obediência aos mandamentos de Deus, contra os poderes religiosos que exploram os simples, contra o pecado.

Os princípios satânicos deste mundo enganam a Igreja, infiltrando-se nela: na maneira de viver, na maneira de vestir, na maneira de falar, em como educar os filhos, como tratar a família, como ficar passivo, indiferente, sem amor nem afeto para os irmãos na fé. Só a Palavra de Deus, comida como pão, diariamente, pode salvar esta Igreja que se torna apóstata e não o sabe.

A união do corpo passa pela restauração do sacerdócio do crente. **O excessivo poder das autoridades nas denominações produz muitos reinos que disputam entre si, quando deveríamos estar a trabalhar para um só Reino de Um só Senhor.** O reconhecimento de que liderar é servir em humildade e temor perante o Senhor dos Senhores, trará humildade para orar com o irmão das outras denominações. O excesso de poder conduz ao orgulho e ao isolamento, mas a humildade conduz sempre à comunhão.

O SUCESSO DO FRACASSO OU O FRACASSO DO SUCESSO?

XIII

Como praticar a comunhão com igrejas?

Eis algumas sugestões para os líderes lutarem contra o isolamento:

- Encontros com outros líderes, sem tentar encontrar desculpas;
- Organizar eventos em conjunto: cultos, reuniões de jovens, piqueniques, conferências, reuniões de oração, campanhas evangelísticas, cultos de louvor, projetos missionários;
- Convidar pastores de outras congregações, diferentes da sua, para pregar (as diferenças podem ser sempre resolvidas com uma conversa aberta e respeito mútuo);
- Analisar o que tem para dar e o que precisaria receber;
- Nunca rejeitar convites para se reunir com outros pastores, ou organizar algo em conjunto, pois desmotivará aquele que teve a iniciativa;
- Ouvir pregações de outras denominações e conhecer as suas doutrinas ajuda a evitar conflitos inesperados e é um grande contributo para a unidade evitando escandalizar o irmão diferente, involuntariamente.

Qualquer cristão pode ter comunhão com a totalidade do Corpo de Cristo. Deixo algumas sugestões também:

- Orar com crentes que moram perto, convidá-los para lanchar, conhecer as famílias dos colegas crentes dos filhos;
- Saber se há necessidades nas outras igrejas que possam ser supridas pela sua;
- Partilhar os seus dons: ensinar música, fantoches para as crianças, ajudar a organizar eventos, ou com conhecimentos profissionais diversos;
- Incentivar os nossos filhos a relacionarem-se com crianças e jovens de outras congregações, participando em atividades e eventos;
- Visitar sempre que possível outras igrejas, participando em cultos ou outros eventos, mas de forma que não interfira no trabalho que fazemos na nossa igreja local;
- Ler livros de diversos autores e denominações e ouvir as suas pregações, pois conhecer as ideias ajuda-nos a relacionar com as pessoas;
- Respeitar sempre as opiniões diferentes, podendo dar a conhecer, com sabedoria, a nossa posição, mas sem tentar impô-la;
- Procurar os consensos e não as divergências, ou seja, procurar o que nos une em vez do que nos separa;
- Participar o mais possível nos eventos interdenominacionais, sejam organizados pela Aliança Evangélica ou não; procurar motivar os restantes membros e líderes da congregação a fazê-lo, conciliando com as atividades internas.

Eis alguns pensamentos e atitudes erradas que promovem a divisão no Corpo de Cristo:

- Achar que a nossa congregação é a melhor e por isso todos deviam mudar para a nossa;
- Achar que só nós temos razão e os outros estão todos errados;
- Achar que só nós conhecemos a Bíblia e os outros são uns ignorantes da Palavra, por isso estão cheios de erros doutrinários;
- Achar que os outros são uns religiosos e uns legalistas;
- Achar que as outras igrejas são um mau exemplo para os nossos crentes;
- Valorizar excessivamente a técnica musical e desprezar o louvor mais simples de outras igrejas;
- Desprezar a técnica musical, porque na nossa igreja procura-se apenas a unção e não a técnica, por isso somos uma igreja mais espiritual;
- Discutir doutrina de forma agressiva e ofensiva;
- Isolarmo-nos por qualquer razão dos outros cristãos;
- Influenciar aberta ou indiretamente o resto da congregação a não se relacionar com outros crentes;
- Considerar muito bons os crentes enquanto estão na nossa congregação e cheios de defeitos quando vão para outra;
- Relacionar-me apenas com as igrejas com doutrina ou correntes semelhantes;
- Nas pregações, depreciar outras congregações, quer direta ou diretamente, e chamar às suas doutrinas,

doutrinas de demónios por serem diferentes das suas.

Todas as sugestões práticas deste capítulo são apenas para motivar cada um a descobrir no seu caso específico o que Deus poderá querer mudar ou incentivar. Não duvide que Deus quer fazer algo novo nesta área em cada um de nós! Como Corpo de Cristo, precisamos ainda crescer bastante em unidade e amor!

XIV

Será pecado?

Em 1989, o meu primeiro pastor, ensinou-me um versículo que já referi anteriormente: *“Aquele que vive isolado busca seu próprio desejo; insurge-se contra a verdadeira sabedoria”* (Provérbios 18:1). Esta verdade guia-me até hoje e fá-lo-á até à vinda do Senhor ou à minha partida para ele.

O isolamento não é de Deus. Vivemos isolados provém exclusivamente de nós mesmos. Quer nos sintamos incompreendidos ou rejeitados, Deus proverá um grupo para comungarmos. Independentemente do que aconteça, estar ligado ao Corpo é prioridade!

Será que a forma como os líderes e as congregações agem umas para com as outras é pecado? Será pecado fecharmo-nos no nosso grupo e na nossa visão e não nos relacionarmos com aqueles que “não têm razão” como nós e teimam em fazer coisas “antibíblicas” segundo a nossa perspetiva? Será pecado ficar indiferente, ocupado com os afazeres e os projetos, se são “para Deus”, para atingir os alvos da visão? Será pecado?

Só há mudança quando há arrependimento, e só há arrependimento quando há consciência de pecado. Enquanto não houver consciência de que vivermos isolados e escondidos é pecado aos olhos de Deus, como poderá haver mudança?

Mudança é arrependimento e sem consciência de pecado não há arrependimento! Como posso dizer diante de Deus que amo os irmãos, se não me relaciono com eles? O amor não é uma ideia ou um sentimento. **É a manifestação da unidade do Espírito, através de comunhão e partilha de necessidades, êxitos e fracassos.** Se não tenho comunhão não estou a amar! Ninguém se engane a si mesmo.

SE NÃO TENHO
COMUNHÃO, NÃO
ESTOU A AMAR!

A Bíblia diz que *“aquele que sabe fazer o bem e não o faz, peca”* (Tiago 4:17). Não é preciso odiar para pecar, basta ficar indiferente, ignorar a existência, guardar para um dia futuro, quando não estiver tão ocupado, depois de atingir os alvos, quando todos *“pensarem como eu”*. Vejamos novamente a passagem de I João:

Se dissermos que temos comunhão com ele, e **andarmos nas trevas**, mentimos, e não praticamos a verdade; mas, **se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros**, e o sangue de Jesus seu Filho nos purifica de todo pecado. Se dissermos que não temos pecado nenhum, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós. (I João 1:6-10)

A resposta à pergunta inicial é a mesma à pergunta: “será pecado andar em trevas”? Analisemos outra passagem:

Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos; porém a árvore má produz frutos maus. Uma árvore boa não pode dar maus frutos; nem uma árvore má dar frutos bons. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada no fogo. Portanto, pelos seus frutos os conhecereis. Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demónios? e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade. (Mateus 7:16-23)

Todo o contexto do Sermão da Montanha descreve o amor segundo o conceito de Deus. Muitos ainda pensam que estão a produzir fruto se a sua igreja está a crescer e está a conseguir salvação ou grande número de presenças nos cultos semanais. Claro que esse é o objetivo da Igreja na terra, mas não são esses frutos que o Senhor considera como identificadores da “árvore boa”.

Se lermos todo o Sermão desde o capítulo 5 de Mateus, encontraremos a resposta: humildade (5:3), mansidão (5:5), misericórdia (5:7), santificação (5:8),

reconciliar (5:9, 24), justiça (5:20), perdoar (6:14), dar por amor (6:1-3), orar (6:6), jejuar (6:17), não trabalhar para riqueza terrena (6:19), confiar em Deus quanto às necessidades terrenas (6:25), não julgar (7:1-5), ter fé na resposta de Deus à nossa oração (7:7-11).

O Sermão da Montanha é uma descrição prática dos frutos do Espírito em ação (Gálatas 5:22), a manifestação do carácter de Deus em nós. Por isso Cristo avisou: *“Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros”* (João 13:35).

Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o viticultor. Toda vara em mim que não dá fruto, ele a corta; e toda vara que dá fruto, ele a limpa, para que dê mais fruto. Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado. Permaneci em mim, e eu permanecerei em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira; vós sois as varas. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Quem não permanece em mim é lançado fora, como a vara, e seca; tais varas são recolhidas, lançadas no fogo e queimadas. Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes, e vos será feito. **Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos.** Como o Pai me amou, assim também eu vos amei; **permaneci no meu amor.** Se guardardes os meus mandamentos, **permanecereis no meu amor;** do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor. Estas coisas vos

tenho dito, para que o meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo. **O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.** Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos dei a conhecer. Vós não me escolhestes a mim mas eu vos escolhi a vós, e vos designei, para que vades e **deis frutos**, e o vosso fruto permaneça, a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda. Isto vos mando: que **vos ameis uns aos outros.** (João 15:1-17)

Uma exegese séria do texto conduz-nos à seguinte verdade: **os frutos que devemos dar são o amor prático para com os outros, ir e dar fruto, ir e amar, ir e estabelecer pontes, relacionamentos, reconciliar a todos com Deus e uns com os outros.** Isto é dar muito fruto!

Torna-se chocante o aviso do Senhor: *“toda vara em mim que não dá fruto, ele a corta”*. O seu discípulo será sempre conhecido pelo amor. Se não houver amor, como alguém se poderá intitular discípulo de Cristo? A sua mensagem principal sempre foi, perdoar o inimigo, dar a outra face, andar a segunda milha, dar a vida, lavar os pés, ser último para ser primeiro.

Será pecado a forma como nos recusamos a amar? A voz de João Baptista ecoa até nós: *“arrependei-vos, o Senhor vem”*! Tal como naqueles tempos, é necessário que

o arrependimento preceda a sua vinda. Cremos que Ele voltará!

A voz da profecia levanta-se nestes dias: *“Eis a voz do que clama: Preparai no deserto o caminho do Senhor; endireitai no ermo uma estrada para o nosso Deus”* (Isaías 40:3). A “estrada” para o regresso do nosso Senhor é a maturidade da Igreja, santificada pelo arrependimento, unida pelo amor, cheia de um só Espírito.

XV

Ecumenismo, Sincretismo e Unidade da Igreja

Quando se fala de unidade existem diversos conceitos que podem gerar confusão: unidade da Igreja, unidade das religiões e ecumenismo. Consideramos dois tipos de ecumenismo, um em sentido lato e outro em sentido restrito.

O Ecumenismo, **em sentido lato**, pretende a unidade de religião e promove o relacionamento e aceitação entre todas as religiões. Tem contribuído para um sincretismo³ em que se estabelecem identificações entre os diferentes “deuses” e entidades adoradas. Misturam-se os elementos de diversas religiões e tentam-se uniformizar crenças, fundindo-se as práticas dos diversos grupos.

O movimento “Nova Era” (New Age) pode ser identificado com esta tendência. A Nova Era não é um grupo específico, mas o conjunto de todos os grupos, que embora diferentes, têm por base esta filosofia de “pluralismo” e “unificação” de todo o paganismo com aquilo que é sagrado, de modo que tudo se torne permitido, dependente da opinião e escolha individual.

³ Tem por base a ideia de que todas as religiões servem o mesmo Deus e que cada entidade de uma corresponde a outra de cada uma das outras religiões. Significa que todas as religiões levam a Deus e são a mesma coisa. A Bíblia diz o contrário.

Cada um escolhe em que quer acreditar e o que quer praticar. Tudo é lícito, tudo é permitido, menos impor a sua crença a outros (entenda-se por imposição qualquer tipo de evangelismo).

Por exemplo, no sincretismo brasileiro, o catolicismo misturou-se a ritos indígenas, a cultos afro-brasileiros e ao espiritismo kardecista. É uma mistura totalmente profana que remonta ao tempo da escravatura, quando por influência dos Jesuítas, os escravos acrescentaram os santos católicos aos seus cultos.

De acordo com as tradições africanas, divindades conhecidas como *orixás* governavam determinadas partes do mundo. Associaram assim, essas divindades com as do catolicismo, de forma que S. Pedro é *Xangô Alufam*, enquanto a Senhora da Conceição é *Oxum*. Na umbanda e no candomblé, cada *orixá* corresponde a um santo católico, seguindo-se uma vasta identificação de santos e espíritos, que não abordaremos aqui.

Num **sentido mais restrito**, Ecumenismo é estabelecer relacionamento entre todos os grupos cristãos, mantendo as suas diferenças. Quando pensamos em grupos cristãos, inclui mesmo tudo o que se apelide de "cristão".

O movimento ecuménico cristão é liderado pela Igreja Católica Apostólica Romana. Contudo, de forma subtil, o seu objetivo é sempre incentivar a sujeição ao Papa e o culto a Maria, embora isso não seja explícito.

Quando me refiro a unidade não defendo o ecumenismo de nenhum tipo, algo acerca do qual tenho grandes dúvidas e se pensarmos no seu sentido mais

lato, então abomino-o completamente. A unidade da Igreja não é, nem nunca será, unidade de religiões.

Toda a Bíblia descreve o povo de Deus como separado das religiões do mundo, dos seus deuses, das suas festas pagãs, dos seus rituais e cultura, que são desagradáveis a Deus. Não vivemos separados das pessoas, mas do sistema e religião em que vivem.

Deus ama as pessoas, mas abomina o seu modo de vida, pois segue os princípios de Satanás, o príncipe deste mundo (João 14:30). Assim também, embora no mundo, não somos do mundo, e apesar de convivemos com todos os homens, não somos Um com eles.

Unidade da Igreja é exatamente aquilo que a expressão diz: aqueles que são a Noiva de Cristo devem ser Um só. Os membros das diversas religiões não são Igreja, mas apenas aqueles que constituem a Congregação do único Messias que veio e voltará: Yeshua, Jesus o único Cristo, referida em Hebreus 12:23, como *“universal assembleia e igreja dos primogénitos inscritos nos céus, e... espíritos dos justos aperfeiçoados”*.

Hoje em dia, encontramos livros por todo o lado, onde se fala muito no Cristo Cósmico. Dizem que encarnou na pessoa de Jesus e da mesma forma que em outros homens especiais como Buda e Maomé. A Bíblia diz algo diferente, quando Cristo afirma: *“eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim”* (João 14:6).

Jesus não foi, e nunca será, apenas mais um Cristo. Ele é o Único Cristo! Jesus não é apenas mais um caminho. Ele é o Único Caminho para Deus! Tudo o que vai além disto, não é Igreja! Tudo o que vai além disto, não pode nunca vir a ser uma unidade connosco!

Excluimos da Igreja outros grupos que creem no essencial à salvação e consideramo-los de seita apenas porque seguem práticas e doutrinas erradas. Contudo, se esses creem que Cristo é o único caminho e é o Filho de Deus, que morreu e ressuscitou em nosso lugar, são Noiva e irmãos!

ELE É O
ÚNICO CRISTO!

Os debates acerca do valor da Ceia, do conceito de Soberania divina, se o Filho é igual, maior ou menor que o Pai, não identificam o cristão. O texto bíblico apenas requer que creiamos em Cristo como Filho e como nosso substituto.

A Bíblia exige alguns requisitos para a salvação, expressos em diversas passagens bíblicas. Questões sobre Trindade ou Unissidade, não são essenciais à salvação e são assuntos que só compreenderemos quando o próprio Deus nos revelar pessoalmente, pois Deus é mistério e por agora só o podemos conhecer em parte.

XVI

No essencial unidade

Tradicionalmente, atribui-se a Agostinho de Hipona a célebre frase: *“Naquilo que é essencial, unidade; naquilo que é duvidoso, a liberdade e em tudo, caridade...”* O termo “caridade” era utilizado com o sentido de amor. **Deve sempre haver amor, enquanto se preserva a unidade no essencial e enquanto se dá liberdade no não essencial.**

Quem determina o que é essencial? A **Bíblia** e não os homens ou os Concílios, tanto os primeiros como os últimos, porque todos eles, e não apenas os que a nossa teologia selecionou, tiveram mão humana. Só a Bíblia é plenamente divina, quando sobre ela sopra o fôlego do Espírito de Deus, iluminando o homem que dela se aproxima com o coração sincero e quebrantado!

O mais essencial é a salvação e sobre isso, as Escrituras são claras:

Mas que diz? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé, que pregamos. Porque, se com a tua boca confessares a **Jesus como Senhor**, e em teu coração **creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos**, será salvo; pois é com o coração que se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação. (Romanos 10:8-10)

Mas, a todos quantos o **receberam**, aos que **creem no seu nome**, deu-lhes o poder de se tornarem **filhos de Deus**; os quais não **nasceram** do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas **de Deus**. (João 1:12-13)

Se **confessarmos os nossos pecados**, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. (I João 1:9)

Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele em Deus. (I João 4:15).

Se alguém se enquadra nestes requisitos para a salvação, se pela fé crê que Cristo é o único Senhor, o único caminho para o Pai, tendo sido ressuscitado dos mortos por Deus, se o tem reconhecido como Senhor na sua vida, então essa pessoa é filho de Deus e o Espírito gerou-o de novo.

Mesmo alguém que tenha a doutrina errada e pregue doutrinas estranhas de porta em porta, mesmo que venda azeite ou rosas que curam, ou qualquer outra coisa invulgar... Na sua mente pode estar errado, mas se o seu coração for sincero e crer no essencial, Deus não levará em conta o seu erro. Nós também não o deveremos levar!

As discussões sobre o Filho ou o Espírito, sobre se são o Pai, se são uma Trindade ou emanações da mesma Divindade, podem ser um tema de estudo, mas não devem gerar divisão. Cristo nunca disse ser o Pai, nem ser Deus, mas sempre que era o Filho de Deus, contudo recebeu adoração, logo é divino. Ele disse que era um com o Pai e para sermos um, como Ele e o Pai são um, logo não são o mesmo.

Podemos e devemos ter a nossa posição teológica e transmiti-la a outros, sempre com respeito e moderação. A verdade é que temos muito ainda a conhecer de Deus e não devemos acrescentar o que Deus não exigiu para a salvação. Não fique o leitor chocado, pois não temos esse direito!

DEUS USA A TODOS
OS QUE SÃO SEUS!

Não é uma questão de quem está certo ou errado, mas de amar a todos os que estão unidos a nós pelo essencial. O amor passa também por orar pelo meu irmão para que este tenha **revelação**, não por discussões infundáveis.

Aqueles, que algumas vezes consideramos desviados da sã doutrina, são aqueles que estão atingindo os perdidos. Nem sempre, mas acontece! Por isso não podemos desprezar, nem julgar ninguém. Precisamos de todos, porque Deus usa a todos os que são seus. Aquele que parece de pequena importância é importante e necessário, como está escrito:

E o olho não pode dizer à mão: **Não tenho necessidade de ti**; nem ainda a cabeça aos pés: Não tenho necessidade de vós. Antes, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários; e os membros do corpo que reputamos serem menos honrados, a esses revestimos com muito mais honra; e os que em nós não são decorosos têm muito mais decoro, ao passo que os decorosos não têm necessidade disso. Mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela, para que não haja divisão no corpo, mas que os

membros **tenham igual cuidado uns dos outros**. De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele. Ora, vós sois corpo de Cristo, e individualmente seus membros. (I Co 12:12-27)

Gosto especialmente da expressão “*tenham igual cuidado uns dos outros*” na passagem acima. Devemos ter cuidado uns pelos outros, ou seja, devemos zelar pelo bem-estar, pela paz, pela saúde física e espiritual, pelas famílias, pelas lideranças, pelas crianças, pelos idosos, muito especialmente pelos jovens neste mundo tão corrompido.

Igual cuidado significa que não me preocupo só com a minha congregação ou o meu grupo, mais também com as outras. Quando pensamos seriamente nisto, vemos como somos tão insensíveis às necessidades dos nossos irmãos! Quanto deveríamos ter orado por aqueles a quem nos resumimos a apontar o dedo! Em cada um de nós, o Espírito de Amor venha lembrar-nos aqueles que não tratamos com igual cuidado, de modo que possamos mudar.

XVII

A igreja do coração de Deus

A Igreja que Deus tem planeado está descrita em Efésios 4. Nesta exortação de Paulo está resumido tudo o que foi dito até aqui:

Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando diligentemente guardar a **unidade do Espírito** no vínculo da paz. Há **um só corpo** e um só Espírito, como também fostes chamados em **uma só** esperança da vossa vocação; **um só** Senhor, **uma só fé**, **um só** batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos.

Mas a cada um de nós foi dada a graça conforme a medida do **dom** de Cristo. Por isso foi dito: Subindo ao alto, levou cativo o cativo, e **deu dons** aos homens. Ora, isto 'ele subiu' que é, senão que também desceu às partes mais baixas da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu muito acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas.

E **ele deu** uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres, tendo em vista **o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do**

ministério, para *edificação do corpo de Cristo*; até que **todos** cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo; para que não mais sejamos meninos, inconstantes, levados ao redor por todo vento de doutrina, pela fraudulência dos homens, pela astúcia tendente à maquinação do erro; antes, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual o corpo inteiro bem **ajustado**, e **ligado** pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo em **amor**. (Efésios 4:1-16)

Confirma-se nos primeiros versículos, a **humildade e a mansidão como meio para alcançar a unidade, os dons ministeriais como instrumento de aperfeiçoamento dos santos** e o Corpo crescendo ligado em amor.

São os dons ministeriais ou ministérios operando conjuntamente que produzem a edificação dos cristãos. A operação de todos os dons ministeriais promove a unidade e o crescimento espiritual para a obra do ministério. Mas, qual ministério? Os ministérios não são os cinco?

Paulo ensina que apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres são instrumentos ou **dons de Deus** para produzir crescimento e unidade no Corpo de Cristo, de forma que esse Corpo execute o **ministério** para o qual foi chamado.

O ministério é aquele para o qual Cristo chamou os seus discípulos: *“ide, fazei discípulos de todas as nações,*

batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado” (Mateus 28:19-20). Todo o discípulo de Cristo é chamado a fazer mais discípulos, a batiza-los e a ensina-los.

Batizar e ensinar não é só para pastores? Os homens agem assim, mas Deus diz que todos os discípulos devem fazê-lo. Cada homem que se converte e recebe a adoção de filho de Deus é chamado a obedecer a este mandamento: ir, batizar e ensinar. Porque não vemos isto acontecer? Devemos meditar sobre o assunto!

Claro que não podemos ver isto acontecer, enquanto apóstolo, profeta, pastor, evangelista e mestre não estiverem fazendo o seu trabalho em cooperação. São estes que deveriam estar a treinar os cristãos a fazê-lo. **Os pastores estão a fazer discípulos, a batizar e a ensinar, mas não treinam os cristãos a fazê-lo.**

TODOS SOMOS
CHAMADOS
A DISCIPULAR.

Habituaamo-nos a ver alguém “contratado” pela igreja para exercer essas funções e os restantes vêm assistir à “missa” e depois voltam para casa. A maioria parece satisfeita com a situação! Nunca pensaram que poderia ser de outra forma. Se todos começarem a discipular, batizar e a ensinar, o que poderia acontecer? O pastor ficaria sem trabalho? Será?!

O trabalho pastoral principal não é fazer estas coisas. Ele deveria estar simplesmente a treinar outros para fazê-lo e não assumindo-o exclusivamente. Não só ele, como o apóstolo, o profeta, o mestre e o evangelista. Mas, o evangelista não deveria apenas evangelizar?

Segundo Efésios 4 deve treinar também os outros cristãos a fazê-lo.

Se todos somos chamados a discipular e ensinar, o que deverá ser ensinado aos novos discípulos? O Senhor disse: *“assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós”* (João 20:21). E o Pai enviou-o a quê?

...concernente a Jesus de Nazaré, como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder; **o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do Diabo**, porque Deus era com ele. (Atos 10:38)

Ele deu-nos o exemplo acerca de como fazer. Cristo fez discípulos e mandou-os libertar os oprimidos do diabo, batizando-os. É interessante como Ele libertou pelo poder do Espírito Santo e **não batizou ninguém (João 4:2), mas instruiu os seus discípulos a batizar.**

Curiosamente, o apóstolo Paulo afirmou: *“Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o evangelho”* (I Co 1:17). Não que não o pudesse fazer, mas Paulo treinava outros para fazê-lo. Instituiu discípulos seus pelas igrejas e transmitia-lhes os seus ensinamentos, assim como o Messias o tinha feito.

Só desta forma poderemos chegar **“à medida da estatura da plenitude de Cristo”**. Quando os líderes ensinarem o povo a libertar, a discipular, a batizar e ensinar, os cristãos vão deixar de ser meninos.

Não se ensina fazendo tudo no lugar daquele que está sendo ensinado. A melhor forma de aprender é fazendo muitas vezes, falhando muitas vezes, enquanto se é **acompanhado e corrigido.** Caindo e levantando se

aprende a andar... Discipulando, batizando e ensinando se aprende a discipular, batizar e ensinar.

Não é só com pregações que se treinam as pessoas. É também necessário transmitir instrução. Contudo, tem havido demasiada teoria e quase nenhuma prática. Só a alguns bem-aventurados, promovidos a líderes, diáconos, ou qualquer coisa semelhante, se lhes permite por em prática aquilo para o qual Cristo os chamou, apesar de cada discípulo ser chamado a ser um ministro de Deus!

Dá-me sempre vontade de rir quando ouço alguém referir-se a um pastor ou missionário como “homem de Deus”. No Antigo Testamento chamavam assim aos profetas, pois eram os únicos que ouviam Deus. Agora, todo o discípulo é “homem de Deus”, ministro de Deus, sacerdote diante do mundo e da igreja.

Mais piada acho ainda, quando se referem a mim como mulher de Deus. Bem! Penso... Eu sou mulher! Disso não tenho dúvidas! E também sou de Deus. Mas, não sou mais “mulher” ou mais “de Deus” que qualquer outra mulher, irmã em Cristo...

Algumas características da Igreja segundo o coração de Deus:

- Congregações com bons grupos de oração procuram saber as necessidades das outras para orar pelos seus problemas internos;
- Igrejas prósperas financeiramente preocupam-se com as necessidades materiais de outras;
- Pastores unem-se em oração, em comunhão, em projetos para alcançar o mundo perdido;

- Igrejas locais apoiam Ministérios interdenominacionais e estes apoiam as igrejas locais;
- Cristãos usam os seus dons para ajudar as igrejas que precisam e não apenas a sua, com humildade e sujeição ao próximo;
- Pastores trabalham para a unidade do Corpo de Cristo e não para o crescimento da sua “empresa religiosa”;
- Jovens crescem juntos aos de outras denominações porque se encontram, reúnem e são amigos;
- Pastores pregam em outras denominações, preocupam-se pelas necessidades das outras denominações, mas não impõem a sua doutrina, antes respeitam a diferença e dão prioridade ao amor e unidade;
- Há sempre tempo para estabelecer laços e estar juntos, prioritariamente a qualquer projeto ou atividade.

A Igreja segundo o coração do Pai é uma igreja viva e ativa. É uma Igreja que se reproduz constantemente. Discípulos discipulando, discípulos que farão novos discípulos. Os dons ministeriais promovendo a unidade entre as diversas partes do Corpo, conduzindo todos à maturidade da semelhança de Cristo.

A Igreja do Seu coração tem líderes que são servos e não senhores sobre o povo de Deus. É uma Igreja unida numa só fé, num só propósito: “destruir as obras do diabo na vida dos homens”. É uma Igreja que se deixa santificar pelo Espírito e chama pecado ao que é pecado.

A Noiva e o Espírito aguardam ardentemente o regresso do Messias! Cada dia é um dia a menos para Ele voltar!

O SUCESSO DO FRACASSO OU O FRACASSO DO SUCESSO?

XVIII

Dons e ministérios

O assunto de Efésios 4:11 não é liderança, mas dons ministeriais: *“ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres”*. Na atualidade confunde-se liderança com ministérios e chama-se erradamente ao líder de “pastor”.

Uma pessoa pode ter qualquer dos dons e ser um bom líder, se souber rodear-se dos outros ministérios. Vejamos outra passagem:

E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro mestres, depois operadores de milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. Porventura são todos apóstolos? São todos profetas? são todos mestres? São todos operadores de milagres? (I Coríntios 12:28-29)

O contexto desta passagem é também acerca de dons ministeriais e funcionamento das diversas partes do Corpo de Cristo. Não creio que a ordem dos dons nestes versículos estabeleçam uma hierarquia para liderar. O *“primeiramente apóstolos”* significa apenas que as igrejas são fundadas geralmente por pessoas com dons apostólicos e também pode ser uma referência aos primeiros doze apóstolos.

Vejamos as diferenças nas duas passagens:

Efésios 4:11	I Coríntios 12:28-29
apóstolos	apóstolos
profetas	profetas
evangelistas	mestres
pastores (apascentadores)	operadores de milagres
mestres	dons de curar
	socorros
	governos
	variedades de línguas

Note-se que há omissões em ambas as listas e diferenças na ordem. O apascentador, por exemplo, não surge na lista de Coríntios. É interessante que não é o mesmo termo usado quando se faz referência a anciãos ou presbíteros em outras passagens. O dom de “apascentador”, não é equivalente ao “ancião” da igreja na Bíblia. Hoje chamam “Pastor” ao ancião, sem ter a ver com o dom ministerial.

CONFUNDE-SE
LIDERANÇA COM
MINISTÉRIOS.

Creio firmemente que não é uma lista exaustiva, nem hierárquica. São exemplos de ministérios e nada têm a ver com liderança. **Quando Paulo se refere a instituição de anciãos e diáconos não especifica nenhum dom ministerial específico.**

Um líder tem os seus dons, mas todos os cristãos têm dons. As congregações cristãs estão cheias de seres humanos sentados, estéreis e passivos. Não é apenas o líder que deve ser ativo nos seus dons, mas este deve ser menos ativo, para ativar todos aqueles que lidera.

A passividade deve-se a que o dom não é desenvolvido. Normalmente os crentes são incentivados

a envolver-se nos departamentos da igreja e, caso não o façam, não há interesse em perceber o dom existente em potencial. As atividades e departamentos precisam da colaboração de todos, mas se a pessoa não puder desenvolver o seu dom específico, tornar-se-á um cristão frustrado.

Cristo exemplificou aos seus discípulos e depois enviou-os sozinhos para fazerem o mesmo. Ele ensinou, ele corrigiu e permitiu que errassem, tentando de novo. O Mestre ensina e depois dá “aulas” práticas, porque não se aprende ouvindo pregações. Aprende-se praticando e tendo de ensinar a outros.

O apóstolo:

Paulo refere-se a si mesmo de diversas formas:

Paulo, **servo** de Jesus Cristo, chamado para ser **apóstolo**, separado para o evangelho de Deus... (Romanos 1:1)

Paulo, chamado para ser **apóstolo** de Jesus Cristo pela vontade de Deus... (I Coríntios 1:1)

Paulo, **apóstolo** de Cristo Jesus pela vontade de Deus... (II Coríntios 1:1)

Paulo, **apóstolo** (não da parte dos homens... (Gálatas 1:1)

Paulo, **apóstolo** de Cristo Jesus pela vontade de Deus... (Efésios 11:1; Colossenses 1:1; II Timóteo 1:1)

Paulo, **apóstolo** de Cristo Jesus, segundo o mandado de Deus... (I Timóteo 1:1)

...fui constituído **pregador e apóstolo, mestre** dos gentios na fé e na verdade... (I Timóteo 2:7)

...do qual fui constituído **pregador, apóstolo e mestre...** (II Timóteo 1:11)

Paulo, **servo** de Deus, e **apóstolo** de Jesus Cristo... (Tito 1:1)

Paulo, **prisioneiro de Cristo** Jesus... (Filémon 1:1)

Paulo não se referia a si mesmo como o 'Apóstolo Paulo', mas como 'Paulo', o apóstolo, o servo, o mestre, o prisioneiro de Cristo. A ordem das palavras tem um valor inimaginável, pois significa que não eram títulos, mas tarefas baseadas em dons que foram atribuídos, não por mão humana, mas por vontade divina.

O termo "apóstolo" é no grego ἀπόστολος e significa "emissário" ou "enviado". A Bíblia não restringe o ministério apostólico aos primeiros doze. Não tem, porém, uma conotação hierárquica em termos de liderança.

Nos nossos dias, bíblicamente, os que têm o dom apostólico são geralmente pessoas que vemos como missionários abrindo trabalhos onde não existiam, atingindo lugares ainda não evangelizados. São plantadores de igrejas que depois deixam ao cuidado de liderança estabelecida. Têm apoio financeiro por vezes de alguma ou várias igrejas, mas podem também ter um emprego secular.

Muitas vezes, os missionários trabalham nos países para onde são enviados por Deus. Temos um exemplo na vida de Paulo, que por vezes recebeu salário de igrejas e outras vezes trabalhou para seu sustento.

Atualmente, é "promovido" a apóstolo aquele que conseguiu uma denominação grande com muitas igrejas. Então, sendo o líder máximo da denominação, para se

destacar dos outros pastores⁴, é-lhe dado um título de maior “honra” e passa a intitular-se de apóstolo.

Em casos extremos, há diversos apóstolos na mesma denominação e equivale a pastor sênior. Neste caso, coloca-se o problema sobre que título atribuir ao apóstolo líder máximo, mas é comum chamar-lhe apóstolo presidente ou patriarca.

Paulo nunca pediu para ser chamado de “Apóstolo Paulo”. Ele era simplesmente Paulo, o irmão Paulo, chamado por todos de Paulo. Tinha o dom de apóstolo que considerava sinónimo de servo. Ele considerava-se até o menor dos apóstolos, por ter perseguido a igreja (I Coríntios 15:9), apesar de na segunda Carta aos Coríntios reconhecer: *“em nada fui inferior aos demais excelentes apóstolos, ainda que nada sou”*. (II Coríntios 12:11).

Paulo, embora não se considerasse nada em si mesmo, pois sabia que tudo o que conseguira provinha de Deus, assumia que trabalhara como os apóstolos mais excelentes, como aqueles que mais arduamente percorreram a terra conhecida na época para levar o Evangelho. A excelência do apostolado de Paulo eram perseguições sofrimentos, escapando da morte (II Coríntios 11:23-30), enquanto pregava em cidades não alcançadas, sendo a sua Palavra confirmada com sinais e milagres (II Coríntios 12:11).

Por vezes, parece haver a ideia que os primeiros doze apóstolos ficaram em Jerusalém como um parlamento espiritual, liderando a igreja que ia

⁴ Não me refiro ao dom de apascentador, mas ao líder a quem chamam de pastor, nos nossos dias.

crescendo pelo mundo, tal qual um grupo de “papas” no seu “Vaticano”. Nada mais errado!

Quando o Senhor ascendeu ao Pai, deixou a Grande Comissão: *“Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra.”* (Atos 1:8). Yeshua ordenou aos seus discípulos que anunciassem o que acontecera até aos confins da terra.

Inicialmente não compreendiam como lidar com as diferenças entre aqueles que eram judeus (já serviam a Deus, aguardando pelo Messias) daqueles que eram totalmente pagãos ou gentios e precisavam ser também evangelizados. Deus resolveu o problema chamando apóstolos (Paulo e Barnabé) para os gentios, dando sabedoria para lidar com a questão, embora sempre em comunhão com a igreja judaica, como já vimos anteriormente.

Nas igrejas fundadas, **Paulo nunca assumiu uma posição de líder da “grande denominação gentílica convertida”**. Ele estabelecia liderança, mas continuava, como pai espiritual, a orar arduamente pelos seus filhos espirituais, jamais procurando poder, dinheiro ou fama. Simplesmente usando o dom apostólico para cuidar dos que havia gerado, porque os amava.

Ele não era líder, era pai e orava constantemente pelos seus filhinhos (Romanos 1:8; Colossenses 1:3; Efésios 1:16; Filipenses 1:3-4; I Tessalonicenses 1:2). Embora exortasse à oração pela salvação de todos os homens (I Timóteo 2:1), pedia especialmente por todos os irmãos crentes (Efésios 6:18). É assim o coração daquele que tem o dom apostólico: o seu coração pesa

pelos que ainda não são salvos, mas ardentemente procura o bem-estar dos que já são salvos.

Hoje há quem fique ofendido por não ser tratado por Sr. Pastor X ou Sr. Apóstolo Y. Precisam ler os Evangelhos e ouvir o Mestre dizer-lhes:

Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi; porque um só é o vosso Mestre, e **todos vós sois irmãos**. E a ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque um só é o vosso Pai, aquele que está nos céus. Nem queirais ser chamados guias; porque um só é o vosso Guia, que é o Cristo. Mas **o maior dentre vós há-de ser vosso servo**. Qualquer, pois, que a si mesmo se exaltar, será humilhado; e qualquer que a si mesmo se humilhar, será exaltado. (Mateus 23:8-12)

Temos de compreender que muito do que existe na atualidade foi recebido por tradição e mais recentemente por pseudo revelação a pessoas, algumas até sinceras, que foram enganadas. A maioria, creio de todo o coração, é sincera e vive segundo o entendimento que tem. Sem se aperceber segue caminhos que agradam também à sua carne, que como a de todos nós, está cheia de desejos contrários à vontade divina.

Já nas primeiras igrejas, os crentes não compreendiam a diferença entre dom e liderança, como podemos compreender pela repreensão de Paulo:

E eu, irmãos não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a criancinhas em Cristo. Leite vos dei por alimento, e não comida sólida, porque não a podíeis suportar; nem ainda agora

podeis; porquanto ainda sois **carnais**; pois, havendo entre vós inveja e contendas, não sois porventura **carnais**, e não estais andando segundo os homens? Porque, dizendo um: Eu **sou de Paulo**; e outro: **Eu de Apolo**; não sois apenas homens? Pois, que é Apolo, e que é Paulo, senão ministros pelos quais crestes, e isso conforme o que o Senhor concedeu a cada um?

Eu plantei; Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. De modo que, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. Ora, uma só coisa é o que planta e o que rega; e cada um receberá o seu galardão segundo o seu trabalho. Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus. Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei eu como sábio construtor, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele. Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. (I Coríntios 3:1-11)

Apesar das igrejas em Corinto terem liderança, havia disputa acerca de quem seria líder supremo sobre eles, se Paulo, por ter fundado a igreja ou se Apolo por ter trabalhado no crescimento. Apolo como está escrito, era *“homem eloquente e poderoso nas Escrituras”* (Atos 18:24). Isto é indício do dom de mestre em operação, para crescimento espiritual da igreja.

Sabidamente, Paulo explica que só há um Senhor sobre toda a Igreja e que ele fez o seu trabalho de fundador, enquanto Apolo o de edificador, mas nenhum é superior ao outro, nem tem a ver com liderança.

Isto não significa que um apóstolo ou mestre não possa ser líder, mas ser apóstolo não é ser o líder máximo de nada, não é ser o ‘papa’ de uma denominação, nem de uma organização, nem de uma nova visão inigualável na qual todos têm de entrar, sob pena de não estarem na vontade ou no último mover do Espírito.

O apóstolo foi comissionado a ir como emissário do evangelho por Cristo. Foi para isso que o Espírito foi enviado, de acordo com Atos 1. Os apóstolos, que alguns imaginam sentados nas suas “cadeiras” em Jerusalém, trabalhavam também para obedecer à comissão como ficara decidido, levando as Boas Novas especialmente aos judeus da dispersão⁵.

Pedro (também conhecido como Cefas) viajava e escrevia cartas apoiando espiritualmente esses judeus e curiosamente, tal como Paulo, referia-se a si mesmo como “Pedro, apóstolo e servo”: “*Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos peregrinos da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia*” (I Pedro 1:1); “*Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo*” (II Pedro 1:1). Pedro não era também o Apóstolo Pedro, mas primeiro Pedro, o servo e apóstolo de Cristo.

Muito poderíamos dizer acerca dos dons que o Espírito distribuiu na Igreja para seu crescimento e edificação, mas isso exigiria um aprofundamento maior dessa área que o nosso tema não permite. Lembremos apenas mais algumas passagens onde são referidos profetas e mestres nas igrejas do primeiro século:

⁵ Os judeus que se encontravam espalhados por todo o mundo conhecido da época.

Ora, na igreja em Antioquia havia **profetas** e **mestres**, a saber: Barnabé, Simeão, chamado Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colação de Herodes o tetrarca, e Saulo. (Atos 13:1)

Depois Judas e Silas, que também eram **profetas**, exortaram os irmãos com muitas palavras e os fortaleceram. (Atos 15:32)

Naqueles dias desceram **profetas** de Jerusalém para Antioquia; (Atos 11:27)

Demorando-nos ali por muitos dias, desceu da Judéia um **profeta**, de nome Ágabo; (Atos 21:10)

Notemos que uma pessoa pode ter vários dons ministeriais. No caso de Paulo, reconhecia ter o dom de apóstolo e de mestre. Por outro lado, Barnabé é referido acima como profeta ou mestre, mas também o vemos operando no dom apostólico. Na verdade são todos servos do mesmo Senhor, seja qual for o dom, ministério ou título.

O profeta:

O profeta é o mais discriminado por uns, mas também o mais procurado por outros. É um orientador da Igreja e completa os outros ministérios. Há, no entanto, o risco das manifestações espirituais poderem facilmente ser um fim em si mesmas e não um complemento ao ensino da Bíblia.

Um profeta não é aquele que “adivinha” a vida das pessoas ou o futuro. Temos muitos exemplos nas Escrituras: **a principal função do profeta é chamar ao arrependimento** e à luz das Escrituras expor os pecados do povo (não necessariamente individualmente) para que este se arrependa.

É um exortador, alguém que ouve Deus e transmite direção. Não é um “adivinhador”! Muitas vezes pode ser usado em dons como profecia e outros referidos em I Coríntios 12, mas não é esse o papel essencial.

Vejo com tristeza alguns profetas da atualidade usando o seu dom de uma forma que é exibicionismo da unção. Todo o dom foi dado “para o que é útil”, para trazer salvação, cura, libertação. A unção não é para promover o homem, lançando multidões por terra ou adivinhando informações pessoais.

Quem se acha profeta leia a Bíblia e estude a vida dos profetas, mas lembre-se que agora o Espírito habita no crente e cada um não deve buscar direção para a sua vida no Profeta, mas no Espírito que em si habita e nas Escrituras.

Promover a dependência dos cristãos por homens, sejam profetas ou outros, não provem do Espírito. Cada cristão deve ser guiado pelo Espírito e não por homem algum. Os filhos de Deus devem depender de Deus e buscar a Deus para orientação na sua vida pessoal e ministerial.

O profeta é um vidente, tem os sentidos espirituais muito apurados e percebe o mundo espiritual com grande à vontade. Pode discernir a presença de demónios, anjos ou ter revelação de algo que estava

oculto e impedia salvação ou bênção. Usa muitas vezes figuras e atos proféticos e é tido como estranho pelos mais racionais.

Um profeta tanto pode levar uma multidão a deixar o pecado, como a entrar em corrupção espiritual e heresia. Foi-lhe dado um poder tremendo, porque o povo segue mais sinais sobrenaturais do que a pregação da Palavra.

Encontrei uma passagem muito interessante sobre o ministério do profeta, que devemos usar corretamente e não para menosprezar esse ministério:

Tenho ouvido o que dizem esses profetas que profetizam mentiras em meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei. Até quando se achará isso no coração dos profetas que profetizam mentiras, e que profetizam do engano do seu próprio coração? Os quais cuidam fazer com que o meu povo se esqueça do meu nome pelos seus sonhos que cada um conta ao seu próximo, assim como seus pais se esqueceram do meu nome por causa de Baal. **O profeta que tem um sonho conte o sonho; e aquele que tem a minha palavra, fale fielmente a minha palavra. Que tem a palha com o trigo? diz o Senhor.** Não é a minha palavra como fogo, diz o Senhor, e como um martelo que esmiúça a pedra? Portanto, eis que eu sou contra os profetas, diz o Senhor, que furtam as minhas palavras, cada um ao seu próximo. **Eis que eu sou contra os profetas, diz o Senhor, que usam de sua própria linguagem, e dizem: Ele disse.** Eis que eu sou contra os que profetizam sonhos mentirosos, diz o Senhor, e os contam, e fazem errar o meu povo com as suas mentiras e com a sua vã jactância; pois eu não os

enviei, nem lhes dei ordem; e eles não trazem proveito algum a este povo, diz o Senhor. (Jeremias 23:25-32)

Deste texto podemos extrair conclusões muito importantes: a Palavra de Deus é superior a qualquer sonho ou manifestação espiritual e para Deus é como palha comparada com trigo. Por outro lado, causa temor a todo o que profetiza dizendo “assim diz o Senhor”, mas usa a própria linguagem.

Devemos ter temor ao usar a expressão “*assim diz o Senhor*”. Muitas vezes devemos dizer antes: “*creio que Deus me falou isto ou aquilo*” e depois deixar que outros julguem pela Palavra, porque somos apenas canais imperfeitos. É uma grande responsabilidade dizer que Deus disse!

Atribuir palavras a Deus que Ele nunca disse é terrível. Até mesmo um verdadeiro profeta de Deus tem de ter consciência de que é um canal humano e aquilo que fala será sempre influenciado pela sua pessoa, pelo seu carácter, pela sua cultura, pela sua maturidade, pela sua vida em geral.

A profecia deve ser sempre julgada pela Palavra e por diversas pessoas (I Coríntios 14:29). O profeta tem o seu papel na igreja, desde que tenhamos em conta que toda a profecia se deve submeter à Profecia das profecias: as Escrituras Sagradas. Contudo, o profeta é muito importante, pois sem ele cai-se num cristianismo mais racional que espiritual.

O apascentador:

O dom que designamos de “apascentador”, é imprescindível nas congregações. Quando um líder, chamado de pastor, tem este dom de apascentador, os liderados sentem-se acarinhados e confortados. Deliciamo-nos ao ler sobre os apascentadores:

Como **pastor** ele apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no seu regaço; as que amamentam, ele as guiará mansamente. (Isaías 40:11)

...e vos darei **pastores** segundo o meu coração, os quais vos apascentarão com ciência e com inteligência. (Jeremias 3:15)

E levantarei sobre elas **pastores** que as apascentem, e nunca mais temerão, nem se assombrarão, e nem uma delas faltará, diz o Senhor. (Jeremias 23:4)

O ministério de apascentar está vocacionado para discipular e cuidar de pequenos grupos, conduzindo ao crescimento espiritual. Mais que um pregador, deve ser alguém que cuida, protege, carrega e nutre.

Não é essencial que o líder (pastor) seja um apascentador se souber discernir esse dom em outros, deixando que o dom flua através de quem o possui. Já conheci casos em que o líder não era apascentador, mas tinha a seu lado alguém com esse dom para o apoiar, enquanto ele operava nos dons que possuía, mais de profeta e exortador.

Por vezes, o líder principal é um evangelista e tem de ter a sabedoria e humildade de reconhecer que precisa de apóstolos, apascentadores, profetas, mestres e outros para que a congregação cresça, não apenas em número, mas também em maturidade.

O evangelista tem tal paixão pelos perdidos que muitas vezes, se é pastor (líder) de uma congregação, os crentes ficam subnutridos e bebês espirituais. Este líder deve procurar os restantes dons. Precisa de um mestre ao seu lado para que ele e os outros crentes cresçam espiritualmente.

O mestre:

O mestre, não é apenas o professor da Escola Dominical, ao contrário do que alguns pensam. Ele flui na unção de ensino para todo o Corpo, incluindo para com o apóstolo, o pastor e restantes ministérios.

O mestre, pode ser puramente mestre e ser um bom ensinador, ou estar conjugado com outros dons, como no caso de Paulo. Apesar de ser um estudioso das Escrituras, não o faz apenas quando precisa de pregar ou ensinar, mas é um modo de vida, faz parte dos seus genes espirituais. Ele tem fome de conhecer Deus, a sua Palavra, os seus princípios, a verdadeira e santa Sabedoria de Deus.

Encontramos pessoas com dom de mestre ensinando a grupos diversos nas igrejas, ou com ministérios de ensino para todo o Corpo. Também podem ser escritores ou professores em escolas de ensino bíblico. Existe uma paixão pelas Escrituras acima do comum. O mestre gosta de ler e estudar constantemente.

A Bíblia é fundamental para tudo o que faz e está constantemente na sua mente.

Acontece por vezes o dom de mestre ter influências proféticas e torna-se pioneiro na revelação e mudança que Deus quer trazer à sua Igreja. Lutero foi um exemplo e depois dele outros têm surgido, tendo revelação das Escrituras e indo à frente nas mudanças dinâmicas do Espírito para aperfeiçoamento e purificação da Noiva.

O evangelista:

O evangelista vive para pregar a salvação e depois não sabe mais o que fazer com os convertidos. Pensa apenas que as pessoas estão a caminho do inferno e é necessário travar essa caminhada. Pena é que tenham transformado tantos evangelistas em pastores!

Os perdidos precisam que os evangelistas voltem a pregar fora das quatro paredes, quer elas sejam materiais ou denominacionais. **O problema é que, se quiserem entrar no ministério a tempo inteiro, só o conseguirão começando como pastores.** Mas, depois com um “rebanho” para cuidar, semana após semana, como desenvolverão o seu ministério evangelístico dirigido ao mundo, fora das quatro paredes?

Embora saibamos que todos os cristãos precisam crescer, o principal objetivo da Igreja é alcançar os perdidos, logo este ministério precisa ser valorizado ao máximo.

Em todas as congregações, nas cadeiras preenchidas por ouvintes de pregações, estão dons por descobrir e desenvolver. É responsabilidade, em

primeiro lugar de cada um, buscar do Espírito quais os dons que lhe foram concedidos e depois orar para que as lideranças os reconheçam e os deixem fluir, **sem medos, sem invejas, sem competição, sem perfeccionismos, sem guerras de visões ou doutrina.**

Precisamos entender que só há um Senhor de todos, todos somos irmãos e não há maior glória que ver uma congregação a ser usada, em vez de apenas a sua liderança. Esse líder estará a ser grande aos olhos de Deus, porque ao fazer-se pequeno e servir, será o 'maior' e exaltado por Deus. Este será o líder mais respeitado e amado como um pai, não como um senhor.

O SUCESSO DO FRACASSO OU O FRACASSO DO SUCESSO?

XIX

Liderança na Igreja

A igreja de Jerusalém era liderada por anciãos (Atos 11:30; 15:2,4,6,22,23; 16:4; 21:18). Neles estavam integrados os Apóstolos, sendo igualmente considerados anciãos. Cristo não deixou um líder estabelecido sobre a Igreja, porque Ele é o Cabeça.

Dentre toda esta liderança, sobre o enorme conjunto de crentes que se convertera, Gálatas 2:9 refere-se a três pessoas como sendo as “colunas”, isto é, aqueles que se destacavam neste corpo de líderes: *“Tiago, Cefas e João, que pareciam ser as colunas, deram a mim e a Barnabé as destros de comunhão”*. Note-se que não tinham sido eleitos líderes principais, mas naturalmente Deus os destacou na liderança, pois no Reino de Deus o maior é o que é mais servo. Pelo Espírito eram reconhecidos.

Ainda precisamos atentar para outro pormenor relevante: a Bíblia não fala em “cobertura espiritual”, mas em “destros de comunhão”. Tiago, Cefas e João não colocaram Paulo debaixo da sua cobertura espiritual, mas apenas o confirmaram como membro do mesmo Corpo do Senhor, a Igreja. A única Cobertura espiritual de que a Bíblia fala é o Espírito Santo. Liderança é serviço e não uma posição hierárquica que dá cobertura. Contudo, é preciso estar ligado ao Corpo e reconhecer a liderança neste.

O apóstolo Tiago, irmão de João, não é o mesmo que lemos na Escritura anterior, pois foi morto muito cedo (Atos 12:2). O Tiago, coluna na liderança, era um ancião da Igreja em Jerusalém. Paulo identifica-o como irmão do Senhor em Gálatas 1:19. Tomou parte na liderança da Igreja, não por ser irmão do Senhor, pois Ele tinha mais irmãos, mas porque foi chamado por Deus para tal.

Tiago não era um dos doze apóstolos, no entanto era coluna na liderança em Jerusalém. Como vimos no

VÁRIOS
ANCIÃOS EM
CADA IGREJA.

capítulo anterior, ser apóstolo é um dom ministerial, mas o termo ancião é usado associado a liderança. Desta forma, este Tiago escreveu uma Carta, sem se identificar como

apóstolo por não o ser, mas sempre como servo: *“Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos da Dispersão”* (Tiago 1:1).

Pedro e João, que eram apóstolos, identificam-se também como anciãos: *“Aos anciãos, pois, que há entre vós, rogo eu, que sou ancião com eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e participante da glória que se há de revelar”* (I Pedro 5:1); *“O ancião à senhora eleita, e a seus filhos, aos quais eu amo em verdade, e não somente eu, mas também todos os que conhecem a verdade”* (II João 1:1); *“O ancião ao amado Gaio, a quem eu amo em verdade* (III João 1:1).

Nas chamadas “igrejas dos gentios” também havia liderança semelhante, como é referido acerca de Éfeso: *“mandou a Éfeso chamar os **anciãos** da igreja”* (Atos 20:17). O mesmo sucedia nas outras congregações que iam surgindo: *“havendo-lhes feito **eleger** **anciãos** em cada igreja e orado com jejuns, os encomendaram ao Senhor em*

*quem haviam crido” (Atos 14:23); “Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os **bispos e diáconos**” (Filipenses 1:1); “Não negligencies o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do **presbítero**. (I Timóteo 4:14).*

São citados diversos termos para a liderança: ancião, presbítero, bispo e diácono. Todos estes são sinónimos, exceto o de diácono. Um diácono podia tornar-se ancião. Biblicamente só há dois cargos de liderança na Igreja: ancião (ou presbítero) e diácono. Tudo o resto são ministérios que podem operar em qualquer cristão:

Liderança	Ministérios
Anciãos (presbíteros)	apóstolos, profetas,
Diáconos	apascentadores, mestres,...

O Ancião equivale ao Pastor das igrejas na atualidade e criou-se um grupo intermédio a que chamam de presbíteros, mas o presbítero bíblico é um dos anciãos da igreja.

Para se ser ancião é necessário preencher determinados requisitos, não porque sejam crentes perfeitos, mas porque têm de ser exemplo para aqueles que são liderados:

Fiel é esta palavra: Se alguém aspira ao **episcopado**, excelente obra deseja. É necessário, pois, que o **bispo** [**ἐπίσκοπον**] seja irrepreensível, marido de uma só mulher, temperante, sóbrio, ordeiro, hospitaleiro, **apto para ensinar**; não dado ao vinho, não espancador, mas moderado, inimigo de contendas, não ganancioso; que **governe bem a**

sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com todo o respeito (pois, **se alguém não sabe governar a sua própria casa, como cuidará da igreja de Deus?**); não neófito, para que não se ensoberbeça e venha a cair na condenação do Diabo. Também é necessário que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em opróbrio, e no laço do Diabo. **(I Timóteo 3:1-7)**

Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesse em boa ordem o que ainda não o está, e que em cada cidade estabelecesses **anciãos** [**πρεσβύτερος** *presbuteros*], como já te mandei; alguém que seja irrepreensível, **marido de uma só mulher, tendo filhos crentes** que não sejam acusados de dissolução, nem sejam desobedientes. Pois é necessário que o **bispo** [**ἐπίσκοπος** *episkopos*] seja irrepreensível, como despenseiro de Deus, não soberbo, nem irascível, nem dado ao vinho, nem espancador, **nem cobiçoso de torpe ganância**; mas hospitaleiro, amigo do bem, sóbrio, justo, piedoso, temperante; **retendo firme a palavra fiel, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para exortar na sã doutrina** como para convencer os contradizentes. **(Tito 1:5-9)**

Alguém disse que a nossa primeira igreja é a nossa família e neste caso da liderança é ainda mais verdadeiro. Como está escrito: “*se alguém não sabe governar a sua própria casa, como cuidará da igreja de Deus?*”? Alguns requisitos das passagens anteriores são: não ser ganancioso, ser marido de uma só mulher e ser capaz de transmitir a sã doutrina.

Quanto a ser marido de uma só mulher, refere-se à monogamia, pois naquele tempo era comum a poligamia (várias esposas), entre os gentios principalmente. Não tem a ver com divórcio. Sobre isso, Paulo dá as suas indicações para alguns dos casos possíveis, que não abordaremos aqui.

Também existem requisitos ao diaconato:

Da mesma forma os **diáconos** sejam sérios, não de língua dobre, não dados a muito vinho, não cobiçosos de torpe ganância, guardando o mistério da fé numa consciência pura. E também estes sejam primeiro provados, depois exercitem o **diaconato**, se forem irrepreensíveis. Da mesma sorte as mulheres sejam sérias, não maldizentes, temperantes, e fiéis em tudo. Os **diáconos** sejam **maridos de uma só mulher**, e governem bem a seus filhos e suas próprias casas. Porque os que servirem bem como **diáconos**, adquirirão para si um lugar honroso e muita confiança na fé que há em Cristo Jesus. **(I Timóteo 3:8-13)**

Tradicionalmente, considera-se que os primeiros diáconos surgiram no seguinte contexto:

Ora, naqueles dias, crescendo o número dos discípulos, houve uma murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas daqueles estavam sendo esquecidas na distribuição diária. E os doze, convocando a multidão dos discípulos, disseram: Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas. Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, **sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria,**

aos quais encarreguemos deste serviço. Mas **nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra**. O parecer agradou a todos, e **elegeram a Estevão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas, e Nicolau, prosélito de Antioquia, e os apresentaram perante os apóstolos; estes, tendo orado, lhes impuseram as mãos**. E divulgava-se a palavra de Deus, de sorte que se multiplicava muito o número dos discípulos em Jerusalém e muitos sacerdotes obedeciam à fé. Ora, **Estêvão, cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo**. (Atos 6:1-8)

Este episódio nada refere sobre distinção entre ancião e diácono. Simplesmente, a igreja estava ainda a organizar-se, e as conversões multiplicavam-se. Os apóstolos iniciais precisaram de ajuda em coisas práticas e escolheram entre aqueles que se destacavam em fé e unção.

Estevão ensinava e operava no dom de milagres (Atos 6:8) e Filipe era um profeta extraordinário como está descrito em Atos 8, chegando a ser transportado pelo Espírito de uma cidade para outra. A liderança evoluiu progressivamente e cada um começou a operar nos dons que lhe eram concedidos.

Num momento específico Estevão e Filipe serviram às mesas e isso foi um ato para os honrar, não para os desonrar, pois servir os santos de Deus é sempre uma honra. Porém, não ficaram restringidos a servir às mesas para sempre como apoio aos primeiros doze apóstolos. No caso de Filipe teve um ministério extraordinário pregando por muitos lugares.

Coloca-se então uma pergunta muito pertinente: qual é o **modelo bíblico para a liderança** na Igreja de Cristo? Paulo mandava instituir anciãos em cada cidade. Mas, havia um ancião em cada casa como líder e quando na cidade toda a igreja se reunia, todos esses anciãos estavam presentes, ou na mesma casa havia mais que um ancião?

O que é claro é que a eleição de liderança é sempre no plural e nunca aparece alguém isoladamente liderando. Paulo nunca ordenou que fosse escolhido um ancião, mas sempre “anciãos”, no plural e depois também diáconos. Esses anciãos estariam em pé de igualdade, embora o Espírito pudesse destacar como “coluna” a um ou mais.

Este modelo é adotado por poucas igrejas na atualidade, mas é o que parece ser mais bíblico. A Bíblia nunca fala de um superpastor com os seus diáconos.

Sei quão difícil é aos homens entrarem em acordo, por isso é natural que seja necessário eleger um presidente por um período de tempo, para tornar possível a tomada de algumas decisões a que não se chegaria a acordo. Não vejo a Bíblia dizer isso, mas na minha opinião humana, parece-me que pode ser útil.

Este modelo de liderança plural não serve à carne, nem à tradição. Habitamo-nos a ter alguém que decide por nós, que ora e estuda por nós, e basta-nos estar presentes, fazendo alguma contribuição monetária e trabalho de cooperação. Contudo, não percebemos que estamos a agir como o povo de Israel, quando pediu a Moisés que Deus não lhes falasse diretamente (Êxodo 20:19).

O sistema clerical, em que uma elite tem a unção e a revelação, não é bíblico. O sistema de liderança bíblico é aquele em que o sacerdócio do crente é praticado e em que liderança é sinónimo de serviço e treinamento. O ancião foi constituído para treinar os crentes a descobrir o seu dom e a coloca-lo em prática.

O ancião bíblico deve estar disposto a deixar pregar, ensinar, batizar, profetizar aos outros a quem treina. Só fazendo, errando e reaprendendo se cresce. Ninguém aprende e cresce sentado a ouvir pregações e ensinamentos, mas cresce quando trabalha no dom que lhe foi dado.

Outro aspeto crucial são as finanças da congregação. O dinheiro ofertado pelos crentes não pertence à liderança. As ofertas são santas e pertencem ao Senhor. São sangue e suor do trabalho de muitos, que abdicam por vezes de coisas até essenciais para contribuírem para a obra de Deus.

Deveria sempre haver um relatório exposto com todas as receitas e despesas. Não apenas para quem requisita, pois pode ser constrangedor, mas uma exposição pública. Não é para julgamento, mas para transparência.

Despesas com instalações e ordenados não podem ser o único destino do dinheiro. Que glória é ter um templo enorme com instrumentos e bons móveis e os crentes viverem em casas pobres e com carências? A ajuda aos irmãos mais carenciados é essencial. Este é um princípio bíblico muito importante no Novo Testamento.

Da mesma forma, não podemos desprezar a necessidade de um espaço digno, onde as pessoas se sintam confortáveis. Em tudo deve haver equilíbrio,

porém é essencial um fundo de solidariedade para apoio aos mais desfavorecidos.

O que tem muito deve contribuir para o que tem pouco e isso é mais importante que ter um templo luxuoso. Casa de Deus é o conjunto dos filhos de Deus e não um conjunto de paredes. É dessa Casa de Deus que devemos cuidar em primeiro lugar. O dinheiro da igreja é para que haja igualdade, na medida do possível, embora mantendo a dignidade do espaço físico.

Quanto à liderança receber salário da congregação... Em casos de liderança plural, provavelmente será difícil todos receberem da igreja. É bíblico receber salário (I Timóteo 5:18), mas também é bíblico um ancião trabalhar para não sobrecarregar a igreja.

Em termos de salário, quando os anciãos, ou algum que foi escolhido para ficar a tempo inteiro o receber, deve receber com dignidade, como está escrito:

Os **anciãos** que governam bem sejam tidos por **dignos de duplicada honra**, especialmente os que labutam na pregação e no ensino. Porque diz a Escritura: Não atarás a boca ao boi quando debulha. E: Digno é o trabalhador do seu salário. Não aceites acusação contra um **ancião**, senão com duas ou três testemunhas. Aos que vivem no pecado, repreende-os na presença de todos, para que também os outros tenham temor. Conjuro-te diante de Deus, e de Cristo Jesus, e dos anjos eleitos, que sem prevenção guardes estas coisas, nada fazendo com parcialidade. A ninguém imponhas precipitadamente as mãos, nem participes dos

pecados alheios; conserva-te a ti mesmo puro. (I
Timóteo 5:17-22)

Devemos honrar duplamente, ou seja, oferecer um bom salário àquele que se esforça e é irrepreensível, tudo com sabedoria, tendo cuidado para não cair em ganância e avareza como dizia uma escritura anterior: *“Pois é necessário que o bispo seja irrepreensível, como despenseiro de Deus, não soberbo, nem irascível, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância”*.

A idolatria e a síndrome de “estrela” têm-se enraizado nas nossas igrejas. Normalmente, o líder principal domina, com o seu carisma. Os escolhidos para apoiarem a liderança são os que o seguem e não questionam as suas ordens. O padrão para alguém se tornar “pastor” ou presbítero é grande parte das vezes o ser capaz de ser uma “estrela” e não o conhecimento das Escrituras e a ética pessoal. Se alguém for familiar ou amigo da liderança terá grandes probabilidades de fluir no ministério que escolher.

Não se escandalize o leitor! Se existem ainda muitas congregações onde nada disto se vê, infelizmente a tendência atual é o clericalismo e a distorção do padrão bíblico de ministérios e liderança. Em alguns lugares a ganância é óbvia e o enriquecimento de poucos à custa do povo pobre é muito visível. Deus tenha misericórdia! Se não é o que acontece no seu contexto, dê graças a Deus!

Meditemos um pouco mais no ensino bíblico sobre liderança. No Antigo Testamento, havia sempre um sumo-sacerdote, considerado líder máximo acima de todos os sacerdotes e anciãos. No Novo Testamento, não

há liderança singular, mas sempre um grupo dirigido pelo Espírito Santo.

O autor de Hebreus descreve Cristo como o único sumo-sacerdote da nossa confissão e o principal Apóstolo (Hebreus 3:1). Na terra, Cristo nunca constituiu um líder, nem entre os apóstolos durante o seu ministério, nem antes de ascender para liderança da Igreja. Liderança no Novo Testamento é sempre plural:

E, promovendo-lhes, em cada igreja, a **eleição de presbíteros**, depois de orar com jejuuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido. (Atos 14:23)

Tendo eles chegado a Jerusalém, foram bem recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos **presbíteros** e relataram tudo o que Deus fizera com eles. Insurgiram-se, entretanto, alguns da seita dos fariseus que haviam crido, dizendo: É necessário circuncidá-los e determinar-lhes que observem a lei de Moisés. Então, se reuniram os apóstolos e os presbíteros para examinar a questão.

Havendo grande debate, Pedro tomou a palavra e lhes disse: Irmãos, vós sabeis que, desde há muito, Deus me escolheu dentre vós para que, por meu intermédio, ouvissem os gentios a palavra do evangelho e cressem. (Atos 15:4-7)

Então, pareceu bem aos apóstolos e aos **presbíteros**, com toda a igreja, tendo elegido homens dentre eles, enviá-los, juntamente com Paulo e Barnabé, a Antioquia: foram Judas, chamado Barsabás, e Silas, homens notáveis entre

os irmãos, escrevendo, por mão deles: Os irmãos, tanto os apóstolos como os **presbíteros**, aos irmãos de entre os gentios em Antioquia, Síria e Cilícia, saudações. Visto sabermos que alguns que saíram de entre nós, sem nenhuma autorização, vos têm perturbado com palavras, transtornando a vossa alma, pareceu-nos bem, chegados a pleno acordo, eleger alguns homens e enviá-los a vós outros com os nossos amados Barnabé e Paulo, homens que têm exposto a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Enviamos, portanto, Judas e Silas, os quais pessoalmente vos dirão também estas coisas. (Atos 15:22-27)

Ao passar pelas cidades, entregavam aos irmãos, para que as observassem, as decisões tomadas pelos apóstolos e **presbíteros** de Jerusalém. (Atos 16:4)

De Mileto, mandou a Éfeso chamar os **presbíteros** da igreja. (Atos 20:17)

Às mulheres **idosas (presbíteras)**, como a mães; às moças, como a irmãs, com toda a pureza. (I Timóteo 5:2)

Por esta causa, te deixei em Creta, para que pusesse em ordem as coisas restantes, bem como, em cada cidade, constituíesses **presbíteros**, conforme te prescrevi. (Tito 1:5)

Está alguém entre vós doente? Chame os **presbíteros** da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungiendo-o com óleo, em nome do Senhor. (Tiago 5:14)

Rogo, pois, aos **presbíteros** que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda co-participante da glória que há de ser revelada: (I Pedro 5:1)

Rogo igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais **velhos (presbíteros)**; (I Pedro 5:5)

Aqui fica uma lista extensa de passagens. Sei que a tradição fala muitas vezes mais alto e que é mais fácil estabelecer uma liderança singular. Assim não é preciso buscar a vontade do Espírito de forma intensiva, basta seguir a decisão do homem. É muito mais rápido.

O povo de Israel sempre procurou que existisse um intermediário entre eles e Deus, primeiro com Moisés e depois pedindo um rei. Somos como eles... Queremos o caminho mais fácil...

Alguém me indicou a passagem das cartas às igrejas em Apocalipse para justificar que havia um Pastor em cada igreja. Contudo, devemos analisar cada passagem no seu contexto e propósito:

Eis o mistério das sete estrelas, que viste na minha destra, e dos sete candeeiros de ouro: as estrelas são **os anjos das sete igrejas**, e os sete candeeiros são as sete igrejas. **Ao anjo da igreja em Éfeso** escreve: Isto diz aquele que tem na sua destra as sete estrelas, que anda no meio dos sete candeeiros de ouro... (Apocalipse 1:20-2:1)

Em primeiro lugar, a passagem não tem por objetivo descrever o tipo de liderança da igreja, mas

transmitir a mensagem de Cristo à Igreja da Cidade. Não é referido que existia na altura apenas um líder em cada cidade, o que iria contradizer todas as passagens que lemos anteriormente. A existência de um líder apenas em cada cidade está mesmo fora de questão. Ainda que pudesse existir em cada casa, na cidade haveria sempre um grupo.

A palavra utilizada, *Angelus* (ἄγγελος), significa “mensageiro” ou “enviado”. Salvo a exceção de Tiago 2:25, no Novo Testamento⁶ está sempre a identificar um anjo, ser celestial. Este termo nunca é usado para algum tipo de líder.

No contexto, diz respeito ou a um homem, ou a um ser espiritual que levaria a mensagem de Cristo à igreja em cada cidade e não a um homem, líder espiritual na cidade.

Não é benéfico, nem tratará fruto algum, entrar em contendas sobre sistemas de liderança. No que temos na Igreja de Deus, podemos orar por revelação, podemos manifestar em amor o que a Bíblia ensina, mas o principal é que no sistema existente, onde há liderança abusiva, haja entendimento de que só Cristo é o Senhor.

Oramos para que, onde há apropriação dos crentes e uma liderança dominadora, possa haver transformação. Que a revelação de Deus venha sobre os cristãos de modo que cresçam e eles mesmos fluam nos dons que Deus lhes deu, com respeito, mas sem vassalagem a homens.

⁶ Confirmado através do software Bible Works

XIX

○ ministério feminino

Este tema é sensível e temos de respeitar os irmãos que têm opiniões diferentes da nossa. Cada um deve andar segundo a sua consciência, fazendo tudo para Deus e não para agradar aos homens, contudo que isso não seja motivo para guerras e divisões, mas sempre para serviço com respeito e amor.

A grande comissão, quer de Mateus 28, quer de Atos 1:8, estendem-se tanto a homens como mulheres:

Portanto ide, fizeti discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. (Mateus 28:19-20)

Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra. (Atos 1:8)

As mulheres são chamadas a fazer discípulos de todas as nações, a batizar, a ensinar, tendo recebido o poder do Espírito Santo para testemunhar.

O Espírito de Deus veio habitar no ser humano com um propósito. Esse propósito é o mesmo para

homens e mulheres. **O que determina o que alguém irá fazer como trabalho no Reino de Deus são os dons que recebeu.** Cada um terá de prestar contas a Deus acerca da utilização correta dos mesmos.

TUDO DEPENDE DE
QUEM DEUS ESCOLHE.

Quando lemos no capítulo anterior, sobre os dons ministeriais, essas listas são tanto para homens como para mulheres. Tudo depende de quem Deus escolhe e a quem Deus dá. Em vez das pessoas se preocuparem se uma mulher pode exercer determinado ministério, a preocupação deveria ser: será que cada homem ou mulher está a praticar o dom que recebeu?

Nos ministérios de Efésios 4 está o de “apascentar”. Muitas mulheres têm dom de “apascentadoras”, que equivale a pastorear, guiar, conduzir outros filhos de Deus. Precisamos assim, relacionar estes dons ministeriais com os cargos de autoridade na Igreja.

Será que uma mulher pode ter o cargo de anciã (sinónimo de presbítera), chamando-se de Pastora nos nossos dias? Em relação a poder ser diaconisa, não há muita polémica, pois Paulo fala claramente de mulheres que cooperavam no seu ministério. A questão é se pode exercer liderança sobre homens, como anciã numa congregação.

Em primeiro lugar, é muito claro que a Bíblia não proíbe isso, e sempre que fala em algum tipo de sujeição da mulher ao homem, é **sempre em relação ao seu próprio marido**, excluindo aquelas que não têm marido e também as questões ministeriais. Mesmo no casamento,

o assunto é o paralelo entre o casamento humano e o casamento místico entre Cristo e a Igreja.

O nosso assunto não é casamento, mas Cristo remetia sempre nas suas explicações para a expressão *“no princípio não era assim”* (Mateus 19:8). O domínio do homem sobre a mulher foi resultado do pecado: *“o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará”* (Gênesis 3:16).

No princípio o homem não dominava sobre a mulher. Mesmo tendo sido criado primeiro, isso não é uma razão para domínio ou algum tipo de autoridade. A Bíblia não diz que Adão era autoridade sobre Eva.

A mulher, que foi tirada de dentro de Adão, era uma parte deste. O homem ficou sem algo de si, quando de si mesmo foi retirada a mulher. Dominar sobre ela seria dominar sobre si mesmo. Eles eram uma unidade perfeita, assim como Deus é Uno e Plural simultaneamente. O mistério da *“imagem e semelhança”* está relacionado também com este aspeto da unidade plural.

Precisamos atentar para o facto de que mesmo **os versículos dos relatos da Criação e pecado referem somente o relacionamento entre um homem e a sua mulher. Nada tem a ver com ministério, exercício de dons, ou trabalho no Reino.**

É verdade que durante todo o Antigo Testamento, a mulher sofreu a consequência de ter sido enganada pela Serpente. Podemos perceber como ao longo da história houve opressão e restrições diversas. Mesmo depois de Cristo vir, embora a redenção tenha trazido a libertação, não vimos imediatamente a mudança completa. Á semelhança da situação da mulher, também

os escravos, as raças africanas, os deficientes, entre outros grupos, foram desprezados e oprimidos. Os princípios do cristianismo bíblico só ganharam lugar na vida prática da sociedade, depois da Reforma Protestante.

Os princípios foram revelados por Cristo, mas a Igreja de Deus não os praticou durante muitos séculos. A luz veio sobre as Escrituras tanto para salvação como para libertação de muitos erros. Os homens (e mulheres) passaram a ser considerados iguais diante do único soberano Deus.

Aquilo que aparentemente é conquista da sociedade e da evolução cultural, tem na realidade a sua raiz em Cristo. Foi Cristo que mudou a situação e o estatuto da mulher na sociedade. Enquanto esteve na terra, viveu segundo os costumes da época, mas mostrou sempre que a mulher era digna da mesma honra e amor que o homem.

Quando finalmente o Espírito Santo desce sobre a Igreja, as mulheres receberam do mesmo Espírito. Um estudo profundo permitiria encontrar muitas mulheres trabalhando no Novo Testamento. Na Carta a Timóteo, onde traduzem como “mulheres idosas”, a expressão grega é *Presbiteras*” (I Timóteo 5:2).

Mesmo usando o argumento de que neste versículo não há referência a liderança, estas mulheres idosas e anciãs tinham um estatuto respeitável sem dúvida na igreja do primeiro século. Porém, não há nada no contexto que impeça essa interpretação.

Creio que a polémica passagem de I Timóteo 2:11-12, onde surgem termos como “domínio” e “sujeição”, parecendo que Paulo não deixava nenhuma mulher

ensinar, não pode ser assim interpretada. Há uma referência a Gênesis e Paulo diz que a “mulher não deve dominar” sobre o seu marido. A consequência do pecado fora o domínio do homem sobre a mulher. Cristo veio trazer a libertação. Contudo, não poderia acontecer o inverso da mulher vir a ter domínio sobre o seu marido.

Note-se que a questão matrimonial não pode ser misturada com a ministerial. Não acredito que Paulo esteja a proibir que a mulher de ensinar na Igreja, quando Deus deu dons para ensinar a tantas mulheres e ele tinha tantas mulheres a cooperarem no seu ministério.

Paulo foca o domínio de uma mulher sobre o seu marido e que esta não deve dominar e ensiná-lo como sendo superior a ele. A libertação da mulher não pode servir para que esta se coloque acima do seu marido.

Será que pode querer dizer que a mulher só poderá ser anciã na Igreja se o seu marido também o for? A Bíblia não o diz explicitamente, logo não podemos ter a certeza de que é isso que quer dizer. Autoridade e domínio não são sinónimos necessariamente. Pode haver uma autoridade que não domine.

O assunto levar-nos-ia a muitos casos específicos, mas em cada um deve haver muito temor, para que ao querer ter excesso de zelo não se venha a impedir o Espírito Santo de se manifestar como e em quem quer. **Tal como Pedro não podia impedir o batismo nas águas a quem Deus deu o Espírito (Atos 10:34,47), assim também não podemos impedir o ministério àquelas que receberam os dons.**

O caminho neste tema deve ser uma grande humildade para aceitar a prática diferente da nossa.

Creio que não há restrições bíblicas ministeriais e que mesmo no casamento, segue-se o modelo de relacionamento de Cristo com a Igreja, sempre remetendo para a unidade existente desde a Criação.

Um dia, depois de muitas vezes ouvir acerca da mulher não poder, biblicamente, ensinar na igreja, de não poder exercer posição de autoridade, entre outras afirmações semelhantes, perguntei a Deus o que Ele queria da minha vida.

Como não ambiciono nada, nem títulos, nem cargos, mas tenho consciência de que sou responsável por abençoar os outros com os dons que Ele me dá, é para mim importante saber o que Ele, e apenas Ele, quer que eu faça, tendo em conta que sou mulher.

Deus ministrou-me de forma muito clara... O Senhor fez-me lembrar os sacerdotes no Tabernáculo, ministrando a Deus e ao povo; depois lembrou-me quando alguém me disse: “nunca houve sacerdotes femininos”; a seguir mostrou-me que **sendo eu templo do Espírito de Deus, eu mesma sou sacerdotisa deste tabernáculo que é o meu corpo, tanto para ministrar a Ele como ao seu povo.**

Mostrou-me como o Tabernáculo e até mesmo o Tempo eram apenas figuras daquilo que vivemos hoje: Deus habitando em corpos humanos e movendo-se sobre a terra. Ele habita no Lugar Santíssimo deste meu ser, que é o meu espírito. E neste Lugar Secreto, Ele fala e está presente.

No meu coração algo se acendeu e me ilumina até hoje! A expressão “**reis e sacerdotes**” tornou-se viva (Apocalipse 1:6:5:10). Sou sacerdotisa do Templo de Deus e Cristo é o meu sumo-sacerdote. Não preciso

entrar em discussões acerca de ser ou não ser bíblico a mulher ensinar ou fazer seja o que for.

Eu sou sacerdotisa do seu templo e um templo muito superior aos que são feitos por homens! Sou Filha do Altíssimo e Sacerdotisa do seu Templo. Este é o estatuto mais elevado que se pode ter e que todo o nascido de novo tem, seja homem ou mulher, mesmo ainda em criança.

Sei que tudo aquilo que Deus me dá, não me pertence, mas é para que eu dê aos outros. Penso saber para o que Ele me tem chamado e não me preocupo mais com o facto de ser mulher. **A minha responsabilidade é perante o meu Senhor, em obedecer-lhe até que ele venha!**

Deus deu à mulher assim como ao homem o seu Espírito Santo e **nomeou-a sacerdotisa, enquanto tantos andam preocupados em discutir se a mulher pode estar em liderança.** A mulher é chamada para discipular, libertar, batizar e ensinar, senão não poderia ser discípula de Cristo. É chamada a reinar com Cristo à direita do Pai, acima de todo o principado, poder e potestade (Efésios 1).

Existem mulheres que receberam de Deus o dom de apóstolo, profeta, pastor, mestre ou evangelista. Quem não permitir que Deus os use para treinar a Igreja, um dia vai ter que prestar contas disso a Deus.

Muitos têm pecado contra Deus e perseguido os seus verdadeiros servos mais zelosos. Muitos têm impedido ministérios femininos, por causa da sua tradição, quando Deus já no Antigo Testamento levantava mulheres como líderes de todo o povo, como

acontece com Débora, que foi líder espiritual e Juíza na nação.

Alguns dizem que Débora não é exemplo, porque o povo naquela altura fazia o que “era certo aos seus próprios olhos”. Mas, **quem escolheu Débora foi Deus e não o povo**. E assim escolheu outros Juízes na época. O mesmo Deus, que escolheu qualquer dos restantes líderes nas Escrituras, escolheu uma líder espiritual e política sobre Israel.

Ainda que a maldição do Éden estivesse sobre as mulheres durante o antigo Testamento, Deus revela antes da redenção, aquilo que seria consumado nesta. Alias, Deus sempre age assim... Ele antecipa a libertação e a bênção!

Este tema é demasiado extenso para conseguirmos aqui estudar todas as passagens do Novo Testamento, mas descrevemos alguns princípios que são pilares para orientação neste tema. Aconselho a leitura no final de uma parte do **Compromisso da Cidade do Cabo (2010)**, que trata do assunto. É um consenso de grande número de líderes cristãos a nível mundial.

O Espírito de Deus na mulher é o sinal em como a maldição do Éden terminou. Esta é diante de Deus e em termos de ministério no Reino equivalente a um homem. Na eternidade não haverá distinção. Defendo, contudo, que mais vale não usufruir de uma posição na Igreja se isso traz escândalo.

Em algumas denominações será normal a mulher exercer liderança, mas em outras não. Assim, o que importa é servir e fluir nos dons que Deus deu. Isto é importante! Uma mulher pode até abdicar de um cargo

de liderança, mas **não deve deixar de colocar em prática os seus dons**, pois disso prestará contas diante de Deus.

Deus precisa de mulheres ousadas, cheias do Espírito, cheias de amor e compaixão. Se o foco for fluir nos dons para servir a todos, Deus se encarregará de colocar tudo no seu lugar. Precisamos de crer que Ele, movendo-se em nós, opera todas as coisas!

Isto é para homens também, pois numa época de superministérios, estrelas e regresso do clericalismo, cada vez mais é preciso recusar-se a viver somente para vassalagem de homens que querem dominar e ser eles os únicos a usar os seus dons. Não fique parado, mova-se, fale, ore, sirva, abra a sua boca para a glória de Deus!

O nosso alvo é Cristo! Servi-lo com tudo o que temos e somos é o nosso modo de vida! Que somente Ele seja glorificado!

O SUCESSO DO FRACASSO OU O FRACASSO DO SUCESSO?

Conclusão

Sei que nestas páginas toquei em assuntos muito sensíveis e que podem chocar alguns, mas toda a crítica foi construtiva e não destrutiva. Tudo foi escrito porque amo esta Igreja imperfeita e tenho de escrever o que vejo por obediência Àquele que me faz ver. Toda a profecia deve ser julgada e não me entristece qualquer julgamento sobre o que escrevi. Seja o Espírito a testemunhar no coração renascido de cada um.

Sei que a nossa amada Igreja está longe do modelo que Deus criou, mas temos de ter uma referência para onde caminhar e essa referência está na Palavra de Deus, não na tradição, nem nos “achos” humanos.

Amadas e amados é tempo de voltarmos à oração, à paixão por esta igreja tão distante do sonho de Deus. Dobremos os joelhos e comecemos por mudar o nosso coração, orando pelos mais chegados, pela nossa congregação, pela nossa nação, pelo Corpo do Senhor na terra.

Não percamos a fé, para que Ele encontre fé na terra: é possível a Unidade em Amor, não por força, nem por violência, mas pelo Espírito. Não desista, porque Ele não vai desistir de nos ver Um como Ele o Pai são Um (João 17:22)!

Atenção! O sucesso aparente de grandes ministérios e multidões não é sinónimo de verdade! O senhor nos avisou no Sermão do Monte: “*cuidado com os*

lobos vestidos de ovelhas e não vos fascineis com sinais e milagres!" (paráfrase Mateus 7:15-23). O fracasso de alguns, não é fracasso, é obediência e vida santa. O sucesso dos homens é fracasso para Deus e o fracasso dos homens é sucesso para Deus em alguns casos. Busquemos enquanto é tempo!

Concluo com a letra de uma música que fiz no meu tempo devocional... É a melhor conclusão, pois são as palavras do Mestre:

Jesus orou: "para que todos sejam Um,
Assim como Tu, ó Pai, és em mim e eu em Ti;
Que também eles sejam um em nós,
Para que o mundo creia que tu me enviaste
Para que todos sejam um."

Jesus orou: " E eu lhe dei a glória que tu me deste
Para que todos sejam um
Como nós somos um
Eu em Ti, Tu em mim;
Para que não haja divisão no corpo,
Mas que os membros tenham igual cuidado
uns dos outros.

Vós sois a luz do mundo, resplandeça a vossa luz!
Diante dos homens
Se eu Senhor e Mestre vos lavei os pés,
Também vós o deveis fazer uns aos outros"

Oração

“Pai, oro para que o engano seja removido das nossas mentes e abras o nosso coração para deixar as tradições que são contrárias à tua Palavra.

Remove o véu da nossa vontade, do nosso desejo de sucesso e tudo o que nos impede de te obedecer e ver a Igreja como tu a vês.

Abre o nosso entendimento para compreendermos o propósito do teu coração para o teu povo!

Clamamos a Ti para que retires as teias de aranha da nossa doutrina e mudes o que precisa ser mudado de acordo com a tua Verdade.

Intercedemos por cada líder, para que veja como tu vês, e te entregue todas as coisas e todas as pessoas que lidera.

Que cada um liberte completamente aquilo que detém como seu e se abra para ti e para o teu Reino eterno que não pode ser abalado.

Que cada um abra os braços para receber o que é diferente e estranho, na sua forma de pensar, para amar como Cristo amou.

Pai, clamamos a ti pela unidade do teu Espírito no teu povo! Pela aceitação, tolerância, não em relação ao pecado, mas em relação ao que não é essencial.

Faz-nos um como Tu e o Filho sois um, não a mesma entidade, mas amor em unidade. Amem.”

O SUCESSO DO FRACASSO OU O FRACASSO DO SUCESSO?

**Eu repreendo e castigo a todos quantos amo:
sê pois zeloso, e arrepende-te. (Apocalipse 3:19)**

**Na verdade já é uma completa derrota para vós
o terdes demandadas uns contra os outros.
Por que não sofreis antes a injustiça?
Por que não sofreis antes a fraude?
(I Coríntios 6:7)**

ANEXO

- EXCERTO -

COMPROMISSO DA CIDADE DO CABO 2010

3. Homens e mulheres em parceria

As Escrituras afirmam que Deus criou homens e mulheres à sua imagem e que lhes deu o domínio sobre a terra. O pecado entrou na vida e na história humana através do homem e da mulher agindo em conjunto em rebelião contra Deus. Através da cruz de Cristo, Deus trouxe salvação, aceitação e unidade a homens e mulheres igualmente. No Pentecoste, Deus derramou o seu Espírito de profecia sobre toda carne, filhos e filhas semelhantemente. Mulheres e homens, portanto, são iguais na criação, no pecado, na salvação e no Espírito.[92]

Todos nós, mulheres e homens, solteiros e casados, somos responsáveis por empregar os dons de Deus para o benefício de outros, como mordomos da graça de Deus, e para o louvor e glória de Cristo. Todos nós, portanto, também somos responsáveis por capacitar todo o povo de Deus para exercer todos os dons dados por Deus em todas as áreas de serviço para as quais Deus chama a Igreja.[93] Não devemos apagar o Espírito desprezando os ministérios de ninguém.[94] Além disso, estamos determinados a ver o ministério dentro do corpo de Cristo como dom e responsabilidade no qual somos chamados a servir, e não como *status* ou direito que exigimos.

A) Defendemos a posição histórica Lausanne: “Nós afirmamos que os dons do Espírito são distribuídos a todo o povo de Deus, mulheres e homens, e que a parceria deles na evangelização deve ser bem recebida visando o bem

comum”[95]. Reconhecemos a enorme contribuição e sacrifício que as mulheres têm feito pela missão mundial, ministrando tanto para homens como para mulheres, desde os tempos bíblicos até o presente.

B) Reconhecemos que há opiniões diferentes sinceramente sustentadas por aqueles que procuram ser fiéis e obedientes às Escrituras. Alguns interpretam o ensino apostólico de modo a inferir que mulheres não devem ensinar nem pregar, ou que podem fazê-lo, mas não como autoridade única sobre homens. Outros entendem a igualdade espiritual das mulheres, o exercício de edificação do dom de profecia por mulheres na igreja do Novo Testamento e a acolhida da igreja em suas casas, implicando que os dons espirituais de liderança e ensino podem ser recebidos e exercidos no ministério tanto por mulheres como por homens.[96] Convidamos aqueles que estão em lados opostos nesta discussão a:

1. Aceitar um ao outro sem condenação em relação a questões divergentes. Embora possamos discordar, não temos motivos para divisão, para palavras destrutivas, ou hostilidade de uns para com os outros;[97]
2. Estudar juntos as Escrituras com atenção, levando em conta o contexto e a cultura originais de seus respectivos autores e leitores contemporâneos;
3. Reconhecer que onde houver dor genuína, devemos mostrar compaixão; onde houver injustiça e falta de integridade, devemos nos opor; e onde houver resistência à manifestação da obra do Espírito Santo em alguma irmã ou irmão, devemos nos arrepender.
4. Comprometer-se com um padrão de ministério, de homens e de mulheres, que reflita o espírito de servo de Jesus Cristo e não a busca de poder e status característicos do mundo.

C) Encorajamos as igrejas a reconhecer as mulheres reverentes que ensinam e são exemplos do que é bom, como Paulo ordenou,[98] e a abrir portas mais largas de oportunidades para mulheres na educação, no serviço e na liderança, principalmente em contextos onde o evangelho desafia tradições culturais injustas. Esperamos que as mulheres não sejam impedidas de exercer os dons de Deus ou de seguir o chamado de Deus em suas vidas.

[92] Gênesis 1:26-28; 3; Atos 2:17-18; Gálatas 3:28; 1 Pedro 3:7

[93] Romanos 12:4-8; 1 Coríntios 12:4-11; Efésios 4:7-16; 1 Pedro 4:10-11

[94] 1 Tessalonicenses 5:19-20; 1 Timóteo 4:11-14

[95] *O Manifesto de Manila*, Afirmação 14

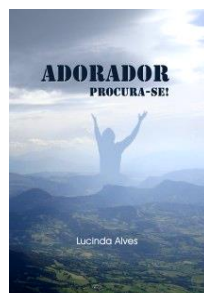
[96] I Timóteo 2:12; 1 Coríntios 14:33-35; Tito 2:3-5; Atos 18:26; 21:9; Romanos 16:1-5, 7; Filipenses 4:2-3; Colossenses 4:15; 1 Coríntios 11:5; 14:3-5

[97] Romanos 14:1-13

[98] Tito 2:3-5

[Extraído de www.lausanne.org/pt/ em 16-11-2013]

Outros livros da autora
com ebooks gratuitos em:
www.buscandoluz.org



Buscando
luz...
acerca
da única
Verdade!



